



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

ANA TERESA ALVES MALTA

**Proximidade e afastamento:**

Diferenças entre a entrevista pessoal e a distância

BRASÍLIA  
2015

ANA TERESA ALVES MALTA

**Proximidade e afastamento:**

Diferenças entre a entrevista pessoal e a distância

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Comunicação como requisito para obtenção de diploma no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Thaís de Mendonça Jorge

BRASÍLIA  
2015

Ana Teresa Alves Malta

**Proximidade e afastamento:**

Diferenças entre a entrevista pessoal e a distância

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Comunicação como requisito para obtenção de diploma no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Banca examinadora

---

Profa. Dra. Thaís de Mendonça Jorge  
Orientadora

---

Profa. Dra. Márcia Marques

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago

## **Agradecimentos**

À equipe da Revista do Correio, pela oportunidade de conhecer e me apaixonar pelo jornalismo; A minha orientadora, Thaïs de Mendonça Jorge, pelas ideias, incentivos, correções e todo o aprendizado nesse árduo e maravilhoso processo de elaborar uma monografia;

A todos os jornalistas que, mesmo sob “a tirania do fator tempo”, me receberam e contribuíram para esta pesquisa;

A Luana Patriolino, pelas indicações de entrevistados, por escutar meus desabafos e me incentivar; A Gustavo Falleiros, pelas conversas inspiradoras; A Jéssica Moura, que me salvou de uma pequena “tragédia” em uma entrevista; A Emily Almeida e Camila Curado, por ajudarem no contato com alguns entrevistados; A Andressa Letícia Martins, pela companhia e compreensão;

E aos meus pais, Antonieta e Antônio Ricardo Malta, que me deram todas as condições e apoio para me dedicar aos estudos.

## RESUMO

Este estudo visa compreender a prática da entrevista jornalística dentro das rotinas produtivas das redações atuais. O foco é entender como os jornalistas escolhem a maneira de estabelecer contato com os entrevistados e identificar consequências dessas decisões. Buscou-se descrever as diferenças entre a entrevista pessoal, de contato direto com os entrevistados, e as intermediadas por mecanismos eletrônicos de comunicação, como telefone e email. O tema é analisado sob o paradigma do *newsmaking* e do *gatekeeping*. A revisão bibliográfica recupera diversos aspectos da entrevista: origem histórica, tipos e diferenças entre editoriais e formatos dos veículos. Os dados empíricos foram obtidos por meio de entrevistas em profundidade com jornalistas.

Palavras-chave: Jornalismo; Entrevista; Rotinas produtivas; *Newsmaking*; *Gatekeeping*; Telefone; Email.

## **ABSTRACT**

This study aims to comprehend the practice of the journalistic interview in the production routines of the current newsrooms. The focus is to understand how journalists choose the way to contact the interviewees and identify consequences of these decisions in the news production process. It describes the differences between the personal interview, of direct contact with the interviewees, and the ones intermediated by electronic gadgets of communication, like telephone and email. The theme is analyzed under the paradigm of newsmaking and gatekeeping theories. The bibliographic research recovers several aspects of the interview: historical origin, types and differences between distinct desks and medias. The empirical data was obtained by in-depth interview with journalists.

Key-words: Journalism; Interview; Production routines; Newsmaking; Gatekeeping; Telephone; Email.

## SUMÁRIO

<b>1 Apresentação</b> .....	7
1.1 Objetivos.....	9
1.2 Justificativa.....	9
<b>2 Procedimentos metodológicos</b> .....	12
<b>3 Referencial teórico</b> .....	15
3.1. Teorias da comunicação: as escolhas individuais e a construção da notícia..	15
3.2. Do bordel às coletivas presidenciais: breve história da entrevista no jornalismo.....	19
3.3. A arte de escutar.....	23
<b>4 Conceito de entrevista jornalística</b> .....	29
4.1 Tipos de entrevista.....	33
4.2 Diferenças de acordo com os veículos.....	40
4.3 Diferenças entre a entrevista pessoal e à distância.....	42
<b>5 Corpus empírico: Entrevista com os entrevistadores</b> .....	47
5.1 Tendência ou acomodação?.....	48
5.2 Diferentes editorias e formatos.....	51
5.3 Entrevista pessoal.....	56
5.4 Entrevista por telefone.....	59
5.5 Email.....	60
5.6 Resultados.....	62
<b>6 Conclusões</b> .....	64
<b>7. Referências</b> .....	70

## 1. Apresentação

A entrevista jornalística é o cerne deste estudo. Ela é uma atividade rotineira na produção das notícias, sendo uma das principais formas de obter informação. Nas redações jornalísticas, é empregada de diversas maneiras, de acordo com o tipo de pauta, de entrevistado, a disponibilidade de tempo e outros elementos do contexto midiático.

Para Leonor Arfuch (1995), a entrevista é uma técnica empregada extensivamente e tem o papel de retomar a proximidade em um contexto de complexas distâncias:

Em tempos de distâncias satelitais, de interatividade informática e anonimato, o cenário da comunicação de massa acentua, paradoxalmente, o valor da proximidade: palavras ao vivo, incursões biográficas, testemunhos, exaltação do íntimo e do vivencial. A entrevista, velho jogo de poder e sedução, lugar da voz autorizada, da autoria e da revelação, é sem dúvida um *best-seller* da época. (ARFUCH, 1995, contracapa)

No entanto, a entrevista não constitui apenas uma técnica; ela é também um gênero textual. Dizemos, por exemplo, entrevista pingue-pongue (pergunta e resposta), entrevista testemunhal (no caso de depoimentos), entrevista ritual (interessa mais a exposição da personalidade do entrevistado do que o que ele diz, típica de discursos oficiais ou rotineiros, como de jogadores de futebol após um jogo), entrevista confronto (o jornalista coloca acusações e contra-argumenta com o entrevistado), entre outros tipos.

Este trabalho analisa a entrevista como recurso para obtenção de informações e aproximação com as fontes. A relação entre entrevistadores e entrevistados envolve posturas e atitudes dos interlocutores que diferem da conversa cotidiana. É uma atividade complexa, que envolve conquista de confiança, intimidade, empatia, capacidade de escutar e observar variados elementos que compõem a personalidade e a fala do entrevistado.

Jorge Halperín (1995) destaca que a entrevista funciona com as regras do diálogo privado, mas está voltada para o âmbito público, o entrevistado sabe que se expõe às opiniões de outras pessoas. Halperín (1995, p.9) chega a definir a entrevista como uma "conversação absurda", em que uma pessoa é interrogada por

um desconhecido, que espera uma resposta com revelações que a pessoa pode negar até aos conhecidos.

Em pesquisa exploratória prévia a este trabalho, vimos que um aspecto que se destaca, no cotidiano apressado das atuais redações jornalísticas, é o uso de telefonemas, emails e outros recursos tecnológicos, em detrimento da entrevista pessoal, de contato direto com o entrevistado. Aqui, buscamos compreender como os jornalistas escolhem a maneira de abordar as pessoas (se a distância ou pessoalmente) e quando essas decisões são capazes de desenvolver o potencial informativo da entrevista ou de prejudicá-lo.

Para entender as escolhas desses profissionais, utilizamos o referencial das teorias do *gatekeeping* e do *newsmaking*: analisamos as motivações individuais dos jornalistas e o papel deles como selecionadores das pessoas a quem entrevistar e a maneira como estabelecer contato com as fontes, bem como razões relacionadas ao contexto da construção da notícia, principalmente as características das rotinas produtivas e da cultura profissional.

A análise tem por base as informações fornecidas por sete jornalistas, de diferentes veículos e faixas etárias. Utilizamos entrevistas em profundidade com perguntas semi-estruturadas, para que eles pudessem relatar detalhadamente o uso da entrevista em sua tarefa diária de coleta de dados para as reportagens a serem publicadas.

Por meio de revisão bibliográfica, identificamos as características da entrevista em diferentes formatos, suas tipificações, especificidades de acordo com o uso ou não de intermediários eletrônicos e a origem histórica dessa técnica, que inicialmente foi encarada com estranhamento e desconfiança para depois ganhar credibilidade.

Consideramos a entrevista uma representante da proximidade, do ato de escutar e registrar ideias, pensamentos das fontes de informação. Entretanto, perguntamos, e se esse recurso de aproximação estiver em um processo de afastamento? O que ocorre quando o encontro entre pessoas se distancia para ser intermediado por mecanismos eletrônicos? Essas são algumas provocações que deram origem a esta pesquisa.

## 1.1 Objetivos

### Geral

Compreender a prática da entrevista jornalística dentro das rotinas produtivas das redações atuais.

### Específicos

- Descobrir como os jornalistas escolhem a maneira de estabelecer contato com os entrevistados;
- Averiguar quais métodos esses profissionais utilizam para realizar cada escolha;
- Verificar se a entrevista tem relação com a qualidade do produto final, ou seja, as notícias que são apresentadas ao público.
- Investigar quais seriam os melhores tipos de entrevista a serem usadas em diferentes ocasiões, na rotina diária dos jornalistas;
- Registrar quais são as características da entrevista de contato direto com o entrevistado e da entrevista intermediada por mecanismos eletrônicos e apontar as vantagens e desvantagens de cada uma.

## 1.2 Justificativa

O tema deste estudo tem origem em um estágio na redação de um jornal impresso, quando observamos o uso intensivo de mecanismos de comunicação a distância. O telefone e o email pareciam os recursos mais utilizados. Em alguns momentos, os repórteres e outros estagiários comentavam acerca dos motivos que os levavam a preferir o contato pessoal direto. A justificativa mais comum era do tempo gasto no deslocamento até o local de encontro com o entrevistado, e principalmente a demora para retornar à redação, com perda preciosa de tempo, ao aguardar a chegada de um transporte para levá-los de volta à empresa.

Tal preferência por entrevistas remotas nos surpreendeu, pois se contrapõe ao estereótipo da profissão de jornalista. Um jargão da área diz que “lugar de repórter é na rua”. No entanto, a tendência parecia ser contrária: os profissionais aparentavam ficar mais tempo dentro da redação do que nos ambientes onde

estavam os entrevistados. A capacidade da tecnologia de aproximar pessoas fisicamente distantes era utilizada para o propósito oposto: afastar quem estava perto.

Nesse contexto, procuramos entender quando entrevistas mediadas por mecanismos eletrônicos — como emails, telefonemas e mídias sociais — otimizam o contato com os entrevistados ou prejudicam essa relação. Assim, acreditamos que, estudando as entrevistas, vamos ter subsídios para oferecer aos profissionais para que eles possam tomar as melhores decisões na hora de partir para uma pauta.

Estudar as entrevistas jornalísticas não é algo comum. Normalmente, os pesquisadores se debruçam sobre as rotinas produtivas do jornalista — parte dos estudos de *newsmaking* —, sem se deter sobre esse importante recurso de coleta de informações diretas com a fonte. Porém, o hábito de fazer perguntas e esperar respostas, selecionar os temas e publicá-los em formato jornalístico esconde sutilezas e segredos nem sempre claros.

É uma atividade complexa, que envolve atitudes para ganhar confiança e intimidade, desenvolvimento de empatia, preocupação com o público, capacidade de interpretar informações nas entrelinhas (além do conteúdo racional e explícito da fala), entre outros elementos que caracterizam essa peculiar conversa humana.

O sucesso ou o fracasso da entrevista guardaria, segundo os objetivos desta pesquisa, relação direta com a qualidade do produto final do jornalismo, as notícias. No entanto, essa técnica corre o risco de ser empregada de forma rápida e superficial. O trânsito, os prazos apertados — vários motivos desestimulam o jornalista a *perder tempo* para encontrar as pessoas. E, assim, nos restam as palavras cuidadosamente planejadas nos emails, a conversa rápida ao telefone, a resposta automática e desatenta nos chats das mídias sociais.

Se as tecnologias alongam os braços dos repórteres<sup>1</sup>, é possível que elas tenham um efeito colateral: podem atrofiar as pernas e os ouvidos dos jornalistas

---

<sup>1</sup> Segundo Mariana Muniz (2013, p. 47), “a exploração de características das redes sociais – como a ampliação da rede de contatos – pode ser considerada como o grande trunfo deste tipo de apuração, uma vez que alonga os braços do repórter, possibilitando-o entrar em contato com um número maior de pessoas. Por outro lado, este tipo de apuração é considerado duvidoso, e não substituiria antigos paradigmas, como a saída de campo e o trabalho *in loco*”.

que, aparafusados às cadeiras, deixariam de ir às ruas para ouvir de perto o que o mundo tem a dizer.

A justificativa deste estudo é um esforço para entender o que é a entrevista jornalística — em suas várias formas —, como gênero e como técnica, e qual o seu papel nas rotinas produtivas dos jornalistas atuais.

## 2. Procedimentos metodológicos

O início deste estudo se deu na participação, como estagiária, na rotina produtiva de um jornal impresso, o *Correio Braziliense*, mais importante jornal do Distrito Federal. Durante cerca de um ano, pudemos observar e vivenciar a maneira como os jornalistas estabelecem contato com os entrevistados. Essa observação inicial não teve caráter científico, pois não era orientada por uma proposta de pesquisa. No entanto, ela teve o mérito de despertar o interesse no tema.

Segundo Mauro Wolf (2008), a observação participante é uma das características que as pesquisas de *newsmaking* (acerca do processo de produção das notícias) têm em comum. Wolf considera que essa técnica é adequada para obter informações sobre as rotinas de produção, algo difícil de ser estudado analisando apenas o produto final da mídia. Segundo Wolf, na observação participante:

Os dados são recolhidos pelo pesquisador, presente no ambiente que serve de objeto de estudo, seja com a observação sistemática do que ocorre nesse espaço, seja por meio de conversações mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas, conduzidas com os que desenvolvem os processos de produção. (2008, p.191)

Na observação que realizamos, entre 2014 e 2015, as conversas tiveram caráter informal e ocasional. A nossa postura também foi mais participativa e integrada do que de observador passivo, que reduz as interações com os indivíduos analisados, conforme as categorias de atitude do pesquisador descritas por Wolf. Uma das vantagens de ser estagiária no ambiente analisado é que pudemos ter acesso prolongado ao espaço. De acordo com Wolf, a presença do pesquisador geralmente é consentida somente por um período muito breve, de dois ou três dias, considerado insuficiente, mesmo que apenas para se familiarizar com o ambiente. “Evidentemente, o problema de obter acesso prolongado às redações é essencial para esse tipo de estudo”, aponta Mauro Wolf (2008, p.193).

No entanto, essa vantagem teve a limitação de não ser orientada por uma proposta de pesquisa desde o início do período analisado. Segundo Wolf (2008, p.192), é importante que a fase de observação esteja “sempre ligada a hipóteses de

pesquisa, que seja orientada segundo orientações teóricas precisas, e que não se constitua de maneira indistinguível e casual”.

Outro aspecto para ser destacado é que, apesar de integrarmos a equipe da redação, conseguimos evitar nos confundir com a atividade observada, um dos perigos a que está sujeito o pesquisador, conforme descrito por Wolf (2008, p.192): “O pesquisador acaba assimilando o modo de proceder, de pensar, de avaliar dos jornalistas e torna-se ‘um deles’, modificando o próprio papel na situação.” O pesquisador começa a ter dificuldade de imaginar como os valores e procedimentos poderiam ser diferentes, o que não ocorreu conosco. Pelo contrário, foi justamente por pensar que as práticas poderiam ser diferentes que resolvemos estudar a entrevista jornalística de forma científica e ir além das reflexões cotidianas.

Cabe acrescentar que a autora Cicilia Peruzzo (2009) faz uma distinção entre “observação participante” e “pesquisa participante”. Segundo Peruzzo, há uma dificuldade em traçar discrepâncias conceituais entre essas expressões, o que ela procura esclarecer. De acordo com a autora, na pesquisa participante o investigador interage como membro e assume algum papel no grupo, postura mais próxima com a que tivemos. Na observação participante, o investigador acompanha e vive a situação, mas não se deixa passar por membro do grupo.

Embora o período que consideramos como observação participante na redação do *Correio Braziliense* não consistisse, *strictu sensu*, um método científico de coleta de dados, ele serviu como etapa exploratória deste trabalho. Por um lado, permitiu-nos observar de dentro o ambiente da redação, fazer perguntas, conseguir respostas espontâneas e sem a obrigatoriedade de uma elaboração formal por parte dos jornalistas. Por outro lado, também possibilitou a participação no processo, atuando como repórter do suplemento de domingo do jornal, a *Revista do Correio*, voltada para matérias de comportamento e variedades. Nessa editoria, pudemos procurar e encontrar os entrevistados, escolher a melhor forma de ter contato com eles, pesar os fatores que influenciam essas escolhas, como o tempo no deslocamento, e perceber as diferenças entre as entrevistas feitas pessoalmente das a distância, por telefone e email, por exemplo.

Numa segunda etapa, para obter informações consistentes com o fim de compreender a entrevista jornalística, escolhemos a *entrevista em profundidade* com jornalistas, para que eles pudessem relatar detalhadamente as rotinas produtivas com as quais trabalham. Jorge Duarte (2009, p.62) define a entrevista em profundidade como “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. Duarte também afirma que essa é uma técnica qualitativa, cuja uma das principais vantagens é a liberdade do entrevistado em dar respostas nos próprios termos e da possibilidade de o pesquisador ajustar as perguntas de acordo com o contexto.

Ainda segundo Jorge Duarte, a entrevista em profundidade é um recurso que busca intensidade nos dados e não quantidade; ela não serve como informação estatística e é inadequada para definir a amplitude de um fenômeno. Segundo o autor, o uso de entrevistas permite identificar as maneiras de perceber e descrever situações, de responder “como” e não “quantas vezes” a questão estudada ocorre.

Em relação às perguntas, Duarte destaca dois tipos utilizados nas entrevistas em profundidade: abertas e semi-abertas. Preferimos adotar a segunda categoria, que usa um roteiro-base de questões de caráter amplo, para que o entrevistado possa desenvolver detalhadamente o tema. Segundo Jorge Duarte, tais perguntas são úteis para manter o pesquisador e a fonte dentro do tema pesquisado. Assim, partimos da observação em uma redação, não-sistematizada, para a entrevista com profissionais para entender como são feitas as escolhas dos recursos utilizados na entrevista jornalística, se pessoalmente ou por mecanismos de comunicação remota, e as consequências dessas decisões na produção das notícias.

Este trabalho, portanto, utiliza a técnica da observação participante durante 52 semanas, 13 meses, na redação do *Correio Braziliense* – especificamente entre os dias 5 de maio de 2014 e 5 de junho de 2015. Para complementar essa observação, optamos por realizar entrevistas em profundidade com os profissionais jornalistas, feitas com sete pessoas, entre maio e junho de 2015. Cada entrevista teve duração média de meia hora, seguindo um roteiro prévio (entrevista semi-aberta). Os jornalistas escolhidos foram os que tivessem experiência em diferentes veículos, com idades e cargos diferentes, entre repórteres e editores.

### 3. Referencial teórico

#### 3.1 Teorias da comunicação: as escolhas individuais e a construção da notícia

A entrevista se insere dentro das rotinas produtivas do jornalismo. Para compreender o contexto em que esse procedimento é utilizado, vamos centrar nossa atenção em duas teorias da comunicação: a do *gatekeeper*, voltada para a ação individual do jornalista; e a do *newsmaking*, que analisa vários elementos da construção da notícia, tais como a cultura profissional, a organização do trabalho e processos produtivos.

O autor Jorge Pedro Sousa (1999 *apud* Felipe Pena, 2006, p.132-133) descreve seis forças ou ações que interagem entre si na produção jornalística. Elas foram originalmente propostas por Michael Schudson e Shoemaker & Reese. São elas: a ação pessoal (de pessoas e suas intenções), a ação social (de características do sistema social), a ação ideológica (de interesses que dão coesão aos grupos), a ação cultural (de características do sistema cultural), a ação do meio físico (de dispositivos tecnológicos) e a ação histórica (notícias como um produto da história, na qual atuam as outras cinco forças). Felipe Pena (2006) destaca que cada perspectiva teórica foca em um ou outro tipo de ação, apesar de, na maioria das vezes, os estudos realizados incluem vários tipos. Nelson Traquina (2005) ressalta que as teorias não são puras ou necessariamente independentes uma das outras.

A teoria do *gatekeeper* se concentra na ação pessoal. Segundo Pena (2006), essa teoria verifica as escolhas e decisões pessoais do jornalista na definição de quais acontecimentos devem virar notícia. O autor relata que o conceito de *gatekeeper* (porteiro ou selecionador) foi empregado no jornalismo pela primeira vez nos 1950, por David Mannig White. Esse pesquisador analisou as escolhas de um profissional responsável por selecionar as matérias vindas de agências de notícias. Durante uma semana, o profissional anotou as razões de rejeição ou aceitação de cada matéria, se serviriam para publicação no jornal em que ele trabalhava. De acordo com Pena, a conclusão de White foi de que as escolhas eram subjetivas e arbitrárias, baseadas na experiência pessoal, nos valores e outras características individuais.

Felipe Pena (2006, p.134) relata que estudos posteriores expandiram a perspectiva do *gatekeeper* ao se voltarem para o contexto do selecionador. Eles avaliaram que as decisões “estavam mais influenciadas por critérios profissionais ligados às rotinas de produção da notícia e à eficiência e velocidade do que por uma avaliação individual de noticiabilidade”.

Parte desses estudos compõe a teoria organizacional, que analisa o ambiente imediato do jornalista, a organização para a qual ele trabalha. Para o teórico Warren Breed (1955 *apud* Pena, 2006, p. 136-137) “o contexto profissional-organizativo-burocrático exerce influência decisiva nas escolhas do jornalista”. A política editorial não é dita explicitamente, mas uma série de fatores conduzem o profissional a agir de acordo com ela. Segundo Breed, os jornalistas sofrem uma lógica de recompensas e punições. Exemplos são a reescrita do texto, a perda de destaque da matéria e a importância de fatores como as aspirações de mobilidade profissional.

No entanto, Breed reconhece que algumas situações permitem uma fuga do controle social da empresa e proporcionam certa autonomia. O jornalista pode se valer de questões como a falta de clareza em relação à política editorial, o “estatuto do jornalista” (os mais reconhecidos têm melhores condições de transgredir a política do veículo), e o distanciamento dos superiores em relação às decisões tomadas pelo repórter ao longo da produção da notícia, entre outros aspectos. Nelson Traquina (2005, p.156) cita uma série de escolhas que o jornalista faz sem necessariamente informar aos chefes: “Pode decidir quem entrevistar e quem ignorar, que perguntas fazer, que citações anotar e, ao escrever o artigo, que itens realçar, quais a enterrar e, de um modo geral, que tom dar aos vários elementos possíveis da notícia.”

Os constrangimentos organizacionais são um dos aspectos analisados pela teoria do *newsmaking*, também chamada de construcionista. Segundo Felipe Pena (2006) e Nelson Traquina (2005), essa teoria analisa diversos elementos que participam da construção da notícia, como as rotinas de produção, os valores-notícia (critérios de noticiabilidade), e a dimensão transorganizacional (Traquina, 2005, p.172), que é o *networking* informal e a dimensão cultural de ser membro da comunidade jornalística.

O *newsmaking* refuta a teoria do espelho, segundo a qual o jornalismo reflete a realidade e o jornalista é um observador desinteressado e neutro. Nelson Traquina (2005) destaca três razões pelas quais a teoria construcionista se opõe à do espelho. Em primeiro lugar, o *newsmaking* considera que as notícias ajudam a construir a realidade e não somente a descreverem. Segundo, a linguagem é considerada incapaz de transmitir diretamente o significado dos acontecimentos, é impossível alcançar uma linguagem neutra. Terceiro, os meios de comunicação estruturam a própria representação dos acontecimentos, devido a organização do trabalho, limitações orçamentárias e outras características produtivas.

Nelson Traquina (2005) destaca e explica duas vertentes do paradigma da notícia como construção social – a estruturalista e a interacionista. Elas são consideradas complementares, mas se contrapõem em alguns aspectos. A primeira, também conhecida por escola culturalista, foca no papel dos meios de comunicação na reprodução da ideologia dominante. Isso ocorre por meio das práticas de trabalho cotidianas, que favorecem o acesso às fontes oficiais. Elas são consideradas os definidores primários, os agentes que estabelecem a definição ou interpretação de um assunto.

O autor português afirma que uma das críticas à teoria estruturalista é supervalorizar a força dos definidores primários, adotando um determinismo excessivo. A relação das fontes com os jornalistas é considerada unidirecional, são elas que comandam a ação. A teoria estruturalista não vê disputas entre as fontes oficiais nem identifica espaços de manobra dos jornalistas, que poderiam confrontar os entrevistados. É nesse ponto que reside uma das principais diferenças em relação à vertente interacionista. Segundo Traquina (2005,p.184), na corrente interacionista o papel dominante das fontes oficiais não é automático, depende de uma ação estratégica que envolve capital econômico, credibilidade, autoridade e outros recursos. Para essa teoria, outros agentes não oficiais também podem conseguir acesso aos meios de comunicação, ainda que com maiores dificuldades. A produção de notícias é entendida como “um processo interativo onde diversos agentes sociais exercem um papel ativo no processo de negociação constante.”

A teoria interacionista tem como ponto central as rotinas produtivas. Para essa teoria, “as notícias são resultado de um processo de produção, definido como a

percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 2005, p.180). Uma das principais teóricas da área é a socióloga Gaye Tuchman. De acordo com Pena (2006), Tuchman analisou a maneira como os jornais põem ordem no tempo e no espaço para dar conta de produzir notícias em um cotidiano com superabundância de fatos, que podem acontecer em qualquer lugar, a qualquer momento. Segundo Traquina (2005), a teoria interacionista considera que os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo. Eles executam uma atividade prática e diária orientada para as horas de fechamento, em uma busca por atualidade, por novos fatos. Tal característica culminaria em uma ênfase sobre os acontecimentos, em detrimento das problemáticas, que seriam abordadas em artigos reflexivos ou aprofundados (Traquina,1999).

Pena (2006, p.132) ressalta que os elementos do *newsmaking* (a rotinização do trabalho, o processo de produção e a cultura profissional) não são deterministas. “Há espaços de manobra para os jornalistas e eles estão localizados na interação com os agentes sociais.” Essa interação pode ocorrer no relacionamento com a rede de fontes, com a sociedade, outros jornalistas (dentro e fora da organização), por atitudes investigativas e de negociação, entre outras situações, conforme descrito por Pena (2006) e Traquina (2005).

É tendo em vista as teorias do *gatekeeper* e do *newsmaking* que vamos analisar as características da entrevista jornalística. Para realizar a entrevista, o profissional precisa tanto tomar decisões subjetivas (em momentos como a seleção de fontes e elaboração de perguntas), quanto fazer escolhas baseadas nos procedimentos de construção das notícias, nos elementos das rotinas produtivas para administrar o tempo e o espaço.

### **3.2 Do bordel às coletivas presidenciais: breve história da entrevista no jornalismo**

Segundo Luiz Costa Pereira Junior (2006), as origens da entrevista jornalística remontam ao início do século XIX. Um dos pioneiros foi James Gordon Bennett, dono do *New York Herald*, jornal americano publicado diariamente entre

1835 e 1924. Em 1836, Bennett entrevistou Rosina Townsend, a dona de um bordel onde ocorrera o assassinato de uma prostituta, Helen Jewett. De acordo com Pereira Junior, Rosina contou ao jornalista que um comerciante casado visitara Helen na noite do crime e, com estardalhaço, implorara para ser recebido. O fato havia sido negligenciado pela polícia, mas depois terminaria por confirmar a culpabilidade do comerciante, chamado Richard Robinson.

Pereira Junior (2006, p.108) destaca duas razões pelas quais a entrevista de Gordon Bennett foi um marco: primeiro, ela deu atenção a pessoas marginalizadas, “personagens que a sociedade da época preferia esquecer”; segundo, levantou informações que mudaram o rumo do caso. O autor também considera que o mérito de Bennett foi o de dar primeiro plano a uma entrevista na edição de seu jornal, e não o de inventar o procedimento, pois outros jornais já o haviam testado, inclusive europeus. Pereira Junior (2006, p.108) descreve a maneira como o relato da dona do bordel foi publicado: “A fala de Rosina corre inteiriça, em espaço próprio, e — mais importante — com destaque de retranca principal.”

No entanto, essa descrição diverge da feita por John Brady (1976). Para Brady, a entrevista realizada por Bennett foi publicada no estilo pingue-pongue, com perguntas e respostas. O autor reproduziu um trecho da entrevista com Rosina, na qual ela fala sobre os visitantes de Helen na noite do crime:

*Pergunta:* O que ele [um homem chamado Frank]<sup>2</sup> estava fazendo?

*Resposta:* Ele estava deitado no lado esquerdo dele, com a cabeça descansando em cima do braço na cama, o lençol o cobrindo, e alguma coisa na outra mão.

*Pergunta:* O que era?

*Resposta:* Não sei dizer.

*Pergunta:* Era um livro?

*Resposta:* Eu acho que era — ou um livro ou um jornal. Eu vi o rosto dele.

*Pergunta:* O que ele disse?

---

<sup>2</sup> Segundo Patricia Cohen (1998), Frank Rivers era um nome falso adotado pelo comerciante Richard Robinson. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/books/first/c/cohen-jewett.html>>

*Resposta:* Nada. Helen me perguntou —“Rosina, como você não esteve bem hoje, aceita tomar uma taça de champanhe conosco?” Eu respondi, “Não, muito obrigada, mas prefiro não”. —E então eu deixei o quarto, pois outras garotas me chamaram nos andares de baixo. — Eu não escutei ou vi nada mais a partir desse momento. — A casa foi trancada à meia noite. — Eu voltei para descansar. — Por volta das três horas da madrugada eu escutei um barulho na porta de entrada, e descobri, perguntando, que era um jovem com o hábito de visitar uma das garotas da casa. — Eu levantei e o deixei entrar — depois que eu deixei ele entrar, eu senti cheiro de fumaça, e andando para a sala eu encontrei a porta dos fundos aberta e o abajur de Helen na mesa de canto de mármore, próxima à porta. Eu fui imediatamente para o quarto de Helen e encontrei a porta fechada — eu abri e, ao fazer isso, a fumaça saiu e quase me sufocou. — Eu então disparei o alarme de incêndio. — O guarda foi chamado, ele entrou dentro do quarto e encontrou Helen deitada na cama, que estava em chamas [...]. Depois que as janelas foram abertas e a fumaça saiu, o guarda descobriu que Helen havia sido assassinada, e depois a cama tinha pegado fogo. (BENNET,1836 *apud* BRADY, 1976, p. 223-224)

Por esse trecho, é possível identificar o formato de perguntas e respostas, apesar da fala mais longa não mostrar intervenções do jornalista e ter aspecto de um relato corrido, conforme descrição de Pereira Junior.

John Brady avalia que Bennet foi bem sucedido não apenas em dar popularidade ao caso, incentivando as vendas do jornal, mas também ajudou a provar que o comerciante acusado do crime não o havia cometido. “No final, o acusado Richard P. Robinson foi inocentado e logo desapareceu, supostamente para o Texas”, relata Brady (1976 p.225) em consideração oposta a de Pereira Junior, que relata que a entrevista de Rosina ajudou a confirmar a culpa do acusado. John Brady relatou outros fatos posteriores ao assassinato: Rosina Townsend também desapareceu e a morte de Helen Jewett nunca foi desvendada. “Somente a entrevista foi passada para a posteridade”, afirma Brady (1976, p.225). Segundo Pereira Junior (2006, p.109), o primeiro pingue-pongue surgiu depois, em 1859, quando o jornal *New York Tribune* publicou uma entrevista com o então presidente da igreja mórmon, Brigham Young.

Mário Erbolato (1984) considera que James Gordon Bennett desenvolveu uma iniciativa tomada três anos antes por Benjamin H. Day, que dirigiu o *New York Sun* (1833-1950) e lhe deu uma nova orientação: reduzir os artigos de fundo e as

notícias sobre política e administração; e publicar matérias que, até então, eram consideradas sem importância, mas que tinham conteúdo humano. Os repórteres do *New York Sun* compareciam “todos os dias à chefatura de polícia e ali faziam crônicas sobre bêbados, ladrões e outras pessoas que iam expor os seus problemas, *porém sem ouvi-las*” (ERBOLATO, 1984, p.138, grifo do autor). Thaís Jorge(2008, p.113) afirma que, “nos primórdios, os jornalistas conversavam com as fontes, mas escreviam o que queriam, sem citá-las obrigatoriamente”.

Segundo Erbolato, o novo gênero, quando lançado, agradou ao público, que começou a disputar os exemplares do *New York Sun*, vendidos a um centavo. Desta forma, o concorrente, Bennett, viu que as atividades cotidianas dos novaiorquinos eram excelentes assuntos para a imprensa e também passou a abordá-las. Mas as entrevistas não foram bem aceitas por todos profissionais da área. Erbolato cita o jornal londrino *Pall Mall Gazette* que, em 1886, teria classificado a entrevista como “degradante para o jornalista que a fazia, odiosa do ponto de vista do entrevistado e cansativa para o público” (1984, p.138).

John Brady (1976) recupera uma entrevista realizada em 1871 com o imperador Dom Pedro II que, no Brasil, pode ser considerada uma entrevista histórica. Um correspondente do *New York Herald* encontrou o imperador enquanto ele visitava a capital do Egito, Cairo. A conversa foi bastante breve, pois Dom Pedro teria outro compromisso para aquele horário:

*Correspondente:* Eu vejo uma edição do *Galignani* [jornal italiano], contendo uma entrevista com o Sr. Seward, do *New York Herald*, na sua mesa. Vossa Majestade já leu?

*Dom Pedro:* Eu li, com interesse. O Sr. Seward tem sido um grande viajante, e parece ter melhorado exaustivamente suas oportunidades de observação. Eu não devo ser capaz de ir tão longe quanto ele foi. À propósito, suponho que agora eu esteja sendo “entrevistado”, o que, acredito, seja o termo.

*Correspondente:* Sim, Majestade; mas eu irei com prazer mostrar meu manuscrito ao seu secretário, se houver algo que queira retirar.

*Dom Pedro:* Obrigado; mas talvez não seja necessário. Eu estive em um constante estado de “entrevista” por toda a minha vida e, conseqüentemente, não digo nada que não esteja disposto a dizer em público. É surpreendente, no entanto, encontrar um

correspondente do *New York Herald* embaixo da sombra das pirâmides.

*Correspondente:* Eles são homens muito empreendedores, os correspondentes do *Herald*, e vão a qualquer lugar.

*Dom Pedro:* Bem, os senhores são um povo empreendedor, e merecem a grande prosperidade que gozam... Mas devo pedir que me dê licença agora, pois vou receber o Príncipe Herdeiro neste horário. Eu te desejo uma boa manhã. (BRADY, 1976, p.226)

Segundo o autor, ela foi considerada uma invasão de privacidade e não um instrumento de apuração jornalística, e “um pouco íntima demais para muitos editores da época”. É possível que a “intimidade” da entrevista se deva ao fato de que o único tópico discutido foi a própria entrevista em si, ainda uma novidade para o período, sem nenhum assunto político ou que afetasse outras pessoas, apenas as impressões pessoais de Dom Pedro II. Brady também destaca uma entrevista realizada com o escritor e humorista norteamericano Mark Twain, em 1875. O entrevistado deu apenas respostas ficcionais, incompatíveis com a realidade e, quando foi confrontado pelo repórter, questionou: “Agora, se você sabe mais de mim do que eu, para quê está me perguntando?” (BRADY, 1977, p.228).

A Fundação Mark Twain recuperou, em 2010, o ensaio “Sobre a entrevista”, no qual o escritor faz severas críticas a esse procedimento. A fundação acredita que o texto tenha sido escrito em 1889 ou 1890. Ele foi publicado no site da rede de televisão americana PBS. No ensaio, Mark Twain afirma que “a entrevista não foi uma invenção feliz. Talvez seja a maneira mais precária de alcançar o âmago de um homem. Em primeiro lugar, o entrevistador é o contrário da inspiração, porque você tem medo dele” (sem paginação)<sup>3</sup>. Ele explica que o entrevistado procura se proteger e evita revelar o que não pretendia. “O entrevistador espalha você para todos os lados, mas não passa pela cabeça dele que você possa considerar isso uma desvantagem.”

Mark Twain também critica a mudança constante de assunto com novas perguntas, ao invés de deixar o entrevistado desenvolver um raciocínio completo e

---

<sup>3</sup> TWAIN, Mark. **Concerning the interview**. Mark Twain Foundation: 2010. Escrito em 1889-1890. Disponível em: <<http://www.pbs.org/newshour/rundown/exclusive-unpublished-mark-twain-essay-concerning-the-interview/>> Acesso em junho de 2015.

aprofundado. Outro problema apontado pelo escritor é a falta de naturalidade, principalmente quando o repórter tenta, a todo custo, obter respostas cômicas ou provocativas. Para Mark Twain, “ninguém gosta de ser entrevistado, mas ninguém consegue dizer não, pois os entrevistadores são corteses e gentis, mesmo quando têm o propósito de destruir”. Ele compara o comportamento dos jornalistas a um ciclone, “que chega com o propósito ameno de refrescar um vilarejo sufocante e depois não se dá conta de que fez tudo ao vilarejo, menos um favor”.

Segundo John Brady (1977), a entrevista como gênero de escrita carecia de credibilidade, sendo que alguns membros dos jornais não confiavam nas entrevistas publicadas. Mas, apesar das críticas, a técnica se consolidou. As coletivas de imprensa com presidentes (também chamadas de coletivas) tiveram importante papel nesse processo. O autor coloca Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos de 1901 a 1909, como precursor desse modelo. Roosevelt convidava repórteres para seu escritório e dava informações sobre os acontecimentos diários, ainda que raramente permitisse ser citado.

“O estabelecimento da coletiva de imprensa presidencial, e ocasionais entrevistas privadas [do presidente] com repórteres, deram à entrevista mais poder e prestígio como um meio de colher informações para matérias” (BRADY, 1977, p. 229). Nesse percurso, vimos que a entrevista surgiu como uma excentricidade, uma técnica encarada com estranhamento, até obter consolidação na medida em que era adotada com cada vez mais frequência e em contatos com figuras renomadas na sociedade.

### **3.3 A arte de escutar**

A entrevista é um dos principais recursos de apuração no jornalismo. Faz parte da rotina dos repórteres a atividade de procurar as pessoas que detêm informações sobre o tema da notícia. Neste estudo, buscamos entender como os jornalistas escolhem a maneira de entrar em contato com os entrevistados. Dentro desse universo, focamos na decisão de realizar uma entrevista pessoal, de contato direto, ou a distância, intermediada por mecanismos eletrônicos, como telefone e email. Essa relação entre entrevistadores e entrevistados envolve posturas e

atitudes dos interlocutores que diferem da conversa cotidiana. Para alguns autores (Barcellos; Brum; Garrett), uma das posturas mais importantes para o jornalista é saber escutar.

A autora Annette Garrett pesquisou extensivamente os artifícios da entrevista, principalmente voltada para o Serviço Social. Entre outros elementos, Garrett (1974, p.66) classifica a entrevista como a arte de perguntar e de ouvir: “Um bom entrevistador é um bom ouvinte.” Na área do jornalismo, Caco Barcellos (*apud* Eliane Brum, 2008, p.11) vai na mesma direção de Garrett: “A reportagem é a arte da escuta.” A jornalista Eliane Brum destaca a complexidade do ato de entrevistar:

O que as pessoas falam, como dizem o que têm a dizer, que palavras escolhem, que entonação dão ao que falam e em que momentos se calam revelam tanto ou mais dela quanto o conteúdo do que dizem. Escutar de verdade é mais do que ouvir. Escutar abarca a compreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras — e do silêncio. (BRUM, 2008, p.37)

Essas características do ato de escutar mostram que é uma atividade que exige intensa observação. Escutar não se limita ao conteúdo da fala, é um exercício que pede atenção à maneira como as informações são ditas, aos elementos que compõem as atitudes do entrevistado. Brum (2008, p.38) considera que “mais importante do que saber perguntar é saber ouvir a resposta”. As considerações de Eliane Brum são todas adequadas à entrevista feita por contato direto com o entrevistado e teriam dificuldades em serem aplicadas por meio de mecanismos de comunicação à distância (como email, telefone e mídias sociais). Uma entrevista por telefone, por exemplo, dificilmente se sustenta no silêncio, que seria uma informação relevante no contato pessoal.

O autor Hugh Sherwood (1981) faz observações que seguem a mesma linha de Eliane Brum. Ele afirma que a atitude mais importante para um repórter é ouvir. Para ser bem-sucedido, Sherwood (1981, p.71) recomenda ter intensa concentração e se esforçar para ouvir com o “ouvido interno”, percebendo gestos e outras expressões corporais: “Tem de entender mais além das palavras do entrevistado. Tem de captar seus sentimentos mais profundos, suas reações inexprimidas. Em muitos aspectos, ouvir bem é realmente observar, [...]”

Em caminho oposto a arte da escuta, Caco Barcellos (*apud* Brum, 2008, p.11) avalia que existe uma “dinâmica tecnoburocrática predominante” que reduz o potencial da reportagem:

Apurar por email, por telefone, por intercâmbios eletrônicos de informação, além de excluir da pesquisa a maioria da população, que não tem acesso a essas tecnologias, elimina o melhor da prática jornalista: ouvir de perto, ao vivo, de preferência com os pés envolvidos ‘na lama dos acontecimentos’. (BARCELLOS *apud* BRUM, 2008, p.11)

Para Caco Barcellos, a entrevista a distância pode diminuir o contato com a sociedade, pois facilita que os entrevistados sejam sempre aqueles ao alcance do telefone (ou do email e qualquer outra tecnologia), preterindo os que podem ser encontrados cara a cara. Outro autor que descreve uma dinâmica burocrática é Francisco Bicudo. Ele avalia que:

[...] no dia-a-dia da grande imprensa, o que encontramos, via de regra, é aquela entrevista que está muito mais preocupada em cumprir tarefas e preencher páginas e possíveis espaços brancos, qualquer que seja a sua condução e resultado final. A rapidez e velocidade de produção, a organização administrativa e empresarial que privilegia o lucro e vende mercadorias, a lógica do fragmento e do burocrático (‘o leitor não tem tempo para ler’), e a perspectiva política e ideológica que procuram impor a existência de um pensamento único acabam por “assassinar” a possibilidade de que a entrevista aconteça e se realize com todo o seu potencial de emoção, empatia, conteúdo e informação. (BICUDO, 2005, sem paginação)<sup>4</sup>

Para Bicudo, a consequência dessa produção acelerada e superficial de notícias é que o jornalista rompe o contrato de prestação de serviço público para o cidadão. Ele considera que a entrevista perde a razão de ser, na medida em que se transforma em uma atividade burocrática, que pouco informa e repele o público. O problema vem da atitude de pressa, “de dar conta dos prazos e da velocidade de produção industrial, por conta do desleixo, despreparo profissional,

---

<sup>4</sup> BICUDO, Francisco. **A entrevista-testemunho:** quando o diálogo é possível. Observatório da imprensa, edição 333, 2005. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a\\_entrevistatestemunho\\_quando\\_o\\_dialogo\\_e\\_possivel](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_entrevistatestemunho_quando_o_dialogo_e_possivel)>. Acesso em junho de 2015.

desconhecimento, falta de experiência ou mesmo irresponsabilidade” (Bicudo, 2005).

Ele considera que a precariedade das matérias jornalísticas pode ser explicada, em grande parte dos casos, por deficiências na realização das entrevistas. Bicudo (2005) afirma que os problemas são percebidos na hora de escrever, quando o profissional, ao invés de encontrar uma entrevista, se depara com “uma conversa mal conduzida, feita de maneira apressada e apenas para cumprir tarefa burocrática, que produz dois ou três rabiscos no bloco de anotações”.

Edgar Morin (1966) considera que as entrevistas superficiais tiveram um êxito global nos meios de comunicação de massa. O autor acredita que a entrevista, quando abandona a zona da frivolidade, revela extraordinária necessidade de comunicação. Sobre o assunto, Morin (1966, p.133) levanta uma hipótese, sem dar a resposta: “Esta necessidade, será ela reforçada pela individualização crescente, que, ao mesmo tempo, isola o indivíduo, e o faz desejar expor o seu ser (que ele acredita ou quer acreditar) autêntico?” Morin (1966, p.133) considera que o mundo moderno está pobre de comunicação, o que pode ser percebido nas conversações diárias, “desajeitadas trocas de palavras convencionais, pontilhadas de sorrisos polidos e de risos espasmódicos, solilóquios cruzados, entre os quais por vezes brota uma pobre faísca.”

Para Cremilda Medina (2000, p.8), a entrevista encarada como uma simples técnica, despojada de significado humano, “não atinge os limites possíveis da inter-relação ou, em outras palavras, do *diálogo*”. Em uma situação na qual o que mais importa é cumprir a pauta, e não o modo de ser e dizer da pessoa, a entrevista não consegue efetivamente ser um braço da comunicação humana, avalia Medina.

A necessidade de apenas finalizar as matérias conduz a repetição de ideias pré-concebidas, o que não condiz com o objetivo da entrevista de obter novas informações por meio do contato com outra pessoa. Segundo Medina, para que a entrevista quebre isolamentos e seja efetivamente uma técnica de interação social, é preciso que entrevistador e entrevistado saiam alterados da conversa, andem em direção a autocompreensão ou compreensão do mundo. Para Medina, enquanto

focarmos apenas na competência do fazer, “pouco se avançará no diálogo possível numa sociedade em que impera a divisão, a grupalidade, a solidão”.

Coincidentemente, “diálogos possíveis” era o nome de uma coluna de entrevistas conduzidas pela escritora Clarice Lispector, que também atuou como jornalista. As conversas foram publicadas entre 1968 e 1969 na revista *Manchete*. Sobre elas, Williams (2007) avalia que

É difícil conceber entrevistas tão verdadeiras e interessantes quanto as realizadas por Clarice Lispector num momento como o atual, em que a entrevista se degenerou em virtude de práticas simplificadoras como a Internet, o telefone ou os encontros em ambientes assépticos e artificiais dos hotéis ou dos escritórios de agentes divulgadores. (WILLIAMS, 2007, contracapa)

Esse cenário de “práticas simplificadoras” da entrevista é marcado pela aceleração do ciclo de produção, circulação e consumo das notícias jornalísticas, conforme apontado por Adghirni e Pereira (2011). Tais autores ressaltam que esse processo se intensificou com o desenvolvimento das tecnologias digitais nos últimos 20 anos, porém tem raízes mais profundas que surgimento da internet. Eles consideram que a origem se relaciona com “a aceleração do tempo social e a adoção do formato de agências de notícias pelos jornais brasileiros — que passaram a fornecer informações para clientes do mercado financeiro” (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011, p.45).

Uma das principais transformações foi a necessidade de divulgação de notícias em fluxo contínuo. Nesse contexto, em que o repórter precisa estar constantemente escrevendo novas notícias, se fortaleceu a figura do jornalista sentado. Esse profissional é descrito da seguinte maneira:

Os termos ‘jornalista sentado’ e ‘jornalista em pé’ são adaptações de conceitos da sociologia do jornalismo francesa e anglo-saxã. O primeiro faz referência ao jornalista situado na redação, cujo trabalho está mais ligado ao tratamento da informação produzida por terceiros. O segundo remete à noção do jornalista como *theleg'sman*, ou seja, o profissional que sai a campo para apurar informações que vão dar origem às matérias. (ADGHIRNI; JORGE; PEREIRA. 2009, p.79)

Tal distinção entre jornalista sentado e em pé não é recente. Segundo Harold Lins (1971 *apud* Pereira, 2003, p. 78), essa divisão remonta ao ano 1836, quando o telefone foi inventado e facilitou a apuração de dentro da redação. Fábio Pereira (2003) também destaca que funções tradicionais, como o editor e o copidesque, sempre estiveram ligados ao ambiente interno das empresas jornalísticas. Com o advento do jornalismo online, o conceito de jornalista sentado ganhou atualidade.

Em estudo sobre uma redação online, Fábio Pereira (2003) verificou que o trabalho desse profissional é focado em duas atividades: a transposição, com ou sem adaptações, de material informativo produzido por outros veículos; e a cobertura de notícias por mecanismos de comunicação à distância, como telefone e email — a apuração é realizada, na maior parte do tempo, dentro do ambiente de trabalho e não nos locais onde estão os entrevistados. Pereira (2003) considera que essa rotina produtiva converte as empresas jornalísticas em “organizações excessivamente burocratizadas” e aponta consequências:

[...] os meios de comunicação tornam-se cada vez mais dependentes das informações provenientes dos canais de rotina (conferências de imprensa, *press-releases*, agências, etc). Tal processo diminui a polifonia do discurso jornalístico (Sousa 2000), além de levar a uma excessiva dependência das fontes oficiais. Ao deixar de lado as notícias de bastidor e os contatos diretos com as fontes de informação, o jornalista abre espaço para o agendamento dos meios pelas assessorias de imprensa. (PEREIRA. 2003, p.49)

Os jornalistas tiveram que adaptar as rotinas produtivas às condições aceleradas de produção, o que inclui alterações na prática da entrevista. As tecnologias e outros recursos que agilizam a apuração oferecem facilidades, mas também riscos, de relegar a segundo plano o potencial informativo do encontro entre pessoas — como participantes da produção jornalística e da comunicação humana.

#### 4. Conceito de entrevista jornalística

Thais Jorge (2008) destaca que vários profissionais utilizam a entrevista: médicos, psicólogos, assistentes sociais, juízes, vendedores, pesquisadores e, claro, jornalistas. No caso desta última profissão, porém, a entrevista visa obter informações que serão utilizadas em um produto comercial — veículo noticioso —, onde entram a credibilidade e a fidedignidade das fontes. Jorge (2008, p. 117) define que, “em sentido estrito, fazer uma entrevista significa marcar um encontro com uma pessoa para falar de um assunto específico que ela domina”.

No *Dicionário de Comunicação*, de Barbosa e Rabaça (2001), a entrevista é definida como:

o trabalho de apuração jornalística que pressupõe contato pessoal entre repórter e uma ou mais pessoas, de destaque ou não, que se disponham a prestar informações para a elaboração de notícias. Os noticiários são quase totalmente elaborados com base nesse processo de apuração: é o repórter fazendo perguntas e ouvindo respostas, sobre fatos ocorridos ou sobre ações, opiniões e ideias do entrevistado. (Barbosa e Rabaça, 2001, p.273)

Para Nilson Lage, a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. Lage (2001, p.73) classifica como “uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”. Mas o autor ressalta que a palavra “entrevista”, em si, é ambígua, capaz de significar diferentes situações:

- a) qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo;
- b) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público;
- c) a matéria publicada com as informações colhidas em (b). (LAGE, 2001, p.73)

Para Cremilda Medina (2000) a entrevista, ao menos em primeira instância, é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular. Ela se vale, na maioria dos casos, da fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas. No entanto, Medina (2000, p.8) não se limita a esse objetivo pragmático e

conceitua a entrevista de maneira sociológica, como “uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais”. É um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. O resultado a ser alcançado é a interação humana criadora, ou seja, o diálogo em que os participantes interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios.

Jorge Halperín (1995, p.9) chega a qualificar a entrevista como uma “conversação absurda”. É um contexto em que uma pessoa (pública ou não), é interrogada por um desconhecido que faz, muitas vezes, perguntas íntimas ou comprometedoras, esperando que ela responda com revelações que normalmente nega, inclusive, a muitos conhecidos.

Ele também considera que, à luz de brilhantes exemplos, a entrevista pode trazer à tona a “vibração de um personagem, sua respiração, seus pontos de vista e sua natureza” (HALPERÍN, 1995, p.10). Ela é o “fascinante reino da pergunta, o exercício da interrogação, o abrir da mente para o sentido último das coisas”. A entrevista trata de reivindicar “o ato militante de interrogar” porque “não está em jogo somente a pergunta que desencadeia uma resposta, mas também a que remete a novas perguntas” Ou seja, é um caminho para compreender o mundo e, assim, fazê-lo seguir adiante.

Halperín (1995, p.13) define a entrevista no jornalismo como “a mais pública das conversações privadas”. Funciona com as regras do diálogo privado (proximidade, intercâmbio, exposição discursiva com interrupções, tom marcado pela espontaneidade, presença do pessoal e atmosfera de intimidade), mas está construída para o âmbito público. O sujeito entrevistado sabe que se expõe à opinião de outras pessoas. Não é um diálogo livre entre dois sujeitos. Um tem o direito de perguntar e o outro de ser escutado. A relação entre o jornalista e o personagem é assimétrica: o entrevistado está no centro da cena, a voz dele é a mais importante na conversa e é ela que deve chegar aos leitores e ouvintes. O autor (HALPERÍN, 1995, p. 13) também relata a existência de uma assimetria inversa. O jornalista se investe de uma autoridade representativa do público e o entrevistado, por um momento, se coloca à disposição para ser guiado, interrompido (com prudência e senso de oportunidade), criticado, questionado sobre suas

dúvidas, contradições, declarações. O entrevistado dá liberdade para penetrarem em sua vida ou, pelo menos, na intimidade de sua obra.

Halperín ressalta que, na entrevista jornalística, os participantes não são amigos nem atuam como se estivessem simplesmente em um encontro. Para o autor, ocorre algo muito mais complexo: é um intercâmbio entre duas pessoas físicas e as inúmeras instituições que condicionam subjetivamente a conversação. O entrevistado fala com o jornalista, mas também está pensando no próprio ambiente, nos colegas, na vida, no público em geral e em como as pessoas que influem em sua atividade vão julgar as declarações.

No outro extremo, o jornalista trabalha para um meio concreto, cujas regras deve ter em conta, e estrutura o diálogo pensando nos leitores, além de não ser indiferente ao juízo de seus pares. “O que obriga a desenrolar uma estratégia cuidadosa que, atendendo à multiplicidade de pressões que operam em um diálogo jornalístico, não termine por frustrar a possibilidade de uma rica conversação” (HALPERÍN, 1994, p.14).

Para o autor, o jornalista deve “trabalhar duro” para atenuar essas tensões, diminuir a compreensível paranóia dos entrevistados e se converter em uma pessoa confiável. Do lado do entrevistado, Halperín considera que é inevitável que ele desenvolva um “jogo de sedução”, em que procure transmitir a melhor imagem possível. Para encontrar o sujeito verdadeiro, o jornalista deve explorar, muitas vezes, as dúvidas, contradições e fissuras no discurso do interlocutor. Halperín relata que a entrevista, como uma forma de revelar a verdade, é utilizada em várias profissões, entre as quais o autor distingue o uso em três setores, na psicanálise, na religião e no jornalismo.

No primeiro, o psicanalista escuta o paciente com o propósito de transformá-lo, presta um serviço que este tenha buscado, interrompe-o pouco, trabalha para ele, lhe provê revelações e estabelece um vínculo com o tempo. Na religião, o sacerdote escuta o fiel para transformá-lo (proporcionar arrependimento ou paz de consciência), trabalha para ele, presta um serviço que o fiel buscou, provê revelações e fica aberto a novas demandas.

No jornalismo, o entrevistador escuta o entrevistado, não trabalha para ele e sim para um terceiro (o meio, o leitor), não presta um serviço que este tenha buscado, não se propõe a transformá-lo nem lhe prover revelações, não tem tempo nem está aberto a futuras demandas do entrevistado, e usará as confissões para outros. Fábio Altman (2004) classifica a entrevista jornalística como uma atitude muito semelhante ao instante em que o psicanalista põe o paciente no divã. A principal diferença estaria nas consequências. No dia seguinte, ou no mesmo momento, no caso da internet, tudo o que foi dito será exposto publicamente e não ficará restrito ao consultório.

Para Edgar Morin (1966, p.115), “a entrevista de rádio-cinema-televisão é uma comunicação pessoal com um fim de informação pública ou (e) espetacular”, voltado para conquistar um vasto público. Já a entrevista científica interessa, antes de tudo, a um pequeno grupo de pesquisadores. Segundo Morin, a entrevista nas ciências humanas progrediu com o aparecimento das pesquisas de opinião (voltada para dados estatísticos) e, depois, com o desenvolvimento da psicologia social (visando aprofundar o conteúdo da comunicação).

Cremilda Medina (2000) traça diferenciações sobre o uso da entrevista no jornalismo e nas ciências sociais. Um dos aspectos analisados é a enquete. Na ciência, ela exige uma técnica de amostragem rigorosa. No jornalismo, embora se dê alguma aparência de representatividade, as pessoas são escolhidas aleatoriamente. A autora também destaca quatro critérios que são levados em conta pelo jornalismo, sem serem essenciais no tratamento das entrevistas científicas. Ela afirma que:

Por mais ambição de historiador que tenha o entrevistador, ele estará implicado em *tocar o presente* (atualidade); por mais psicólogo que queria ser diante de um interlocutor confessional, ele terá de se ater a traços significativos para muitas outras pessoas que, na *comunicação anônima*, se identifiquem com o entrevistado (universalidade); por mais profundo que queria ser no tempo e no espaço, tal qual um artista ao pintar o seu modelo, não poderá se desvincular do *timing* '24 horas ou menos' (periodicidade); e por mais vanguardista que seja, seus ímpetos de ruptura artística não poderão colidir com a *legibilidade* da comunicação coletiva (difusão). (MEDINA, 2000, p.19)

Os quatro critérios são, portanto: atualidade, universalidade, periodicidade e difusão. Esses aspectos que, segundo Medina, diferenciam a entrevista jornalística da empregada por outras áreas do conhecimento, são capazes de sintetizar as características da entrevista jornalística.

#### **4.1 Tipos de entrevista**

A entrevista é aplicada em uma diversidade de situações no jornalismo e cada momento demanda variações dessa técnica. Os autores definem diferentes tipos de entrevista — todos ideais, separados apenas na teoria. Halperín (2005) destaca que as categorias se misturam na realidade. Apesar disso, ele afirma que é possível identificar o elemento predominante de cada tipo. Para o autor argentino, é útil analisar essas características porque cada uma envolve problemas diversos e estratégias de trabalho específicas.

Nilson Lage (2001) faz uma classificação baseada em dois critérios. O primeiro é do ponto de vista dos objetivos. Nessa perspectiva, Lage indica quatro modelos de entrevista:

- a) ritual – é geralmente breve, centrada mais na figura do entrevistado do que no que ele tem a dizer. O conteúdo da fala, em si, costuma ser irrelevante, ou esperado, ou mera formalidade. Interessa o ambiente, o clima, a encenação, desvios ou falhas no protocolo, nuances no discurso diplomático. Exemplos são entrevistas com jogadores ou técnicos após um jogo e declarações no mundo oficial.
- b) temática – aborda um tema, geralmente expondo versões e interpretações de acontecimentos. O entrevistado deve ter condições ou autoridade para discorrer sobre o assunto.
- c) testemunhal – relato do entrevistado sobre algo que ele participou ou assistiu. A reconstituição do fato é feita do ponto de vista particular dos entrevistados, que, usualmente, acrescentam as próprias interpretações.

d) em profundidade – focada na personalidade do entrevistado, que dá depoimentos e impressões. O objetivo não é um tema ou acontecimento específico, mas abordar, de forma detalhada, aspectos da vida e da compreensão de mundo do entrevistado.

O segundo critério utilizado por Nilson Lage é do ponto de vista das circunstâncias de realização:

a) ocasional – é não programada – ou, pelo menos, não combinada previamente. O resultado pode ser interessante porque o entrevistado tem melhores condições de dar respostas sinceras ou menos cautelosas do que se tivesse se preparado previamente.

b) confronto – o repórter assume o papel de inquisidor, coloca acusações sobre o entrevistado e argumenta contra ele. O repórter atua como um promotor em um julgamento informal. Dependendo de quem ganhar o embate, a entrevista se transforma em um espetáculo de constrangimento ou de redenção para o entrevistado.

c) coletiva – o entrevistado é submetido a perguntas de vários repórteres, que representam diferentes veículos. Para dar chance de mais repórteres perguntarem, cada um tem um número limitado de perguntas. O lado negativo é que isso bloqueia o diálogo, isto é, a pergunta construída sobre a resposta. Entrevistas coletivas são comuns quando há interesse geral por algum assunto e na promoção de eventos. Altas autoridades costumam dar coletivas periodicamente, para dar um resumo de suas atividades.

e) dialogal – é a entrevista por excelência. É marcado com antecedência, sendo que entrevistador e entrevistado constroem o tom da conversa. Ela é guiada pelas perguntas do repórter, mas não se limita a esse tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados.

Nilson Lage também classifica a entrevista exclusiva. Ela ocorre quando um indivíduo concede a entrevista a um veículo específico, e não a qualquer outro. Lage destaca que, embora toda entrevista individual seja exclusiva (dificilmente alguém repete exatamente as mesmas frases em conversas diferentes), o termo “exclusiva”

tem um papel de marketing, de valorizar o esforço da reportagem e o conteúdo inédito das declarações obtidas.

Thaís Oyama (2009) considera a classificação de Nilson Lage como “clássica” e “bem resolvida”. No entanto, a autora prefere simplificar e utilizar apenas duas categorias: a de informação — que pode ser breve, longa, testemunhal ou temática — e a de perfil — que procura mostrar quem é o entrevistado. Ela também destaca o contexto da conversa: uma entrevista “em pé” é completamente diferente de uma entrevista “sentada”, exigindo perguntas, táticas e posturas específicas. Como exemplo, ela cita duas formas de abordar o presidente da República: por meio de entrevista agendada no Palácio do Planalto ou na saída de um evento, ao lado de vários outros jornalistas. Já Erbolato (1984) utiliza quatro aspectos para classificar a entrevista:

1) Como geradoras de matéria jornalística:

a) de rotina – fornecem elementos sobre fatos do dia a dia. Os entrevistados geralmente não são citados e se utiliza termos genéricos para se referir a eles, como “segundo testemunhas”, “alguns proprietários de automóveis” etc. Exemplos são as entrevistas realizadas em acidentes e assassinatos.

b) caracterizadas – os entrevistados são nomeados nos textos e com as falas reproduzidas diretamente.

2) Quanto aos entrevistados:

a) individual – quando apenas um entrevistado é consultado.

b) de grupos – quando o repórter fala com várias pessoas, por exemplo, usuários do sistema público de transporte ou vítimas de uma catástrofe. Pode ser feita na forma de enquete ou de pesquisa. O primeiro formato é atualmente chamado de “povo fala”. Várias pessoas são entrevistadas, geralmente simples e humildes, sobre alguma medida que afeta uma parte grande da sociedade. No segundo formato, o jornalista busca vários especialistas para fundamentar uma matéria. Os entrevistados fornecem informações de caráter interpretativo e explicativo, para esclarecer um determinado assunto.

### 3) Quanto aos entrevistadores:

a) pessoal (ou exclusiva) – a pessoa ouvida fala a um só jornal, seja por não ter sido localizada pelos demais, seja por haver-se negado a receber outros repórteres.

b) coletiva – várias personalidades (ou apenas uma) falam a diversos jornalistas e na mesma ocasião. Pode ocorrer na forma de uma conferência de imprensa ou de *pool*. Na primeira, os jornalistas são credenciados e enviam perguntas, por escrito, com antecedência. O *pool* é a seleção de um grupo de jornalistas para participar da entrevista coletiva. Isso ocorre quando não há espaço suficiente no recinto ou outras limitações que impedem o comparecimento todos os jornalistas credenciados. Segundo o *Dicionário de Comunicação*, de Barbosa e Rabaça (2001. p.273), a necessidade de enviar as perguntas por escrito nem sempre ocorre: “Dependendo da organização da entrevista, as perguntas podem ser feitas de improviso ou têm de ser previamente levadas ao conhecimento do entrevistado, para que este as estude com antecedência.”

### 4) Quanto ao conteúdo:

a) informativas – relato de um fato, por meio da conversação com alguém que é responsável por uma nova ideia, testemunhou um evento ou participa de uma determinada situação. O jornalista visa conseguir elementos para a matéria e nem sempre cita o nome do entrevistado. Em alguns casos, este pode pedir sigilo.

b) opinativas – obtidas de pessoas que têm autoridade para falar sobre assuntos, nas quais se especializaram. Por exemplo, se a matéria for sobre intoxicação por agrotóxicos, se ouvirá químicos, médicos, agrônomos e sanitaristas.

c) ilustrativas ou biográficas – entrevistas de personalidade, interessantes quando o entrevistado se destaca por algum motivo. Procura-se mostrar quais os hábitos de uma pessoa e suas ambições, ouvindo-a, e falando, se necessário, com os seus parentes, amigos e vizinhos.

Nos aspectos 3 e 4 (“quanto aos entrevistadores” e “quanto ao conteúdo”), Erbolato utiliza uma classificação semelhante a de Fraser Bond (1962). Este último analisa cinco tipos de entrevista:

- a) noticiosa – procura fatos. O jornalista deve ser rápido em obter uma matéria objetiva – nomes, ocupações, endereços, títulos, termos, sempre o mais exato possível. O campo de atuação é tão vasto quanto o comportamento humano, seu assunto pode ser política, educação, finanças, crime etc.
- b) de opinião – o repórter se esforça em aprender tudo que pode sobre a personalidade do indivíduo, cujas opiniões procura. Geralmente, requer mais tato, por parte do repórter, do que a entrevista coletora de fatos. A entrevista de opinião que tem mérito costuma ser resultado de penetração e diplomacia.
- c) com personalidade ou “de ilustração” – mostra a personalidade do entrevistado, por meio de notas características, modo de falar, roupa e aparência, traços pessoais, idiossincrasias etc. Um retrato pessoal, que realça não tanto o que a pessoa diz, mas como, onde e por que diz. O puro efeito disso, se bem logrado, faz o leitor ter a impressão de haver encontrado a pessoa descrita.
- d) com grupos – série de entrevistas com um certo número de pessoas. O repórter obtém comentários de diferentes pessoas sobre um assunto.
- e) coletiva – um indivíduo importante se dispõe a dar uma importante notícia a um grupo de jornalistas reunidos.

Medina (2000) emprega uma classificação mais filosófica da entrevista, acerca de como o comportamento do entrevistador e entrevistado afeta a divulgação da informação e o entendimento do público. Ela distingue dois grupos: entrevistas cujo objetivo é espetacularizar o ser humano; e entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-lo. Nesse contexto, cita a classificação de Edgar Morin (1966 *apud* Medina, 2000), que enumera quatro tipos de entrevista:

- a) A entrevista-rito – conceito sem distinções significativas da descrição de “entrevista ritual” feita por Nilson Lage (2001), da qual falamos anteriormente;
- b) A entrevista anedótica – o entrevistador faz perguntas triviais, ressaltando aspectos curiosos, engraçados ou pitorescos do entrevistado. Jorge (2008) destaca que essa categoria é típica dos *talk shows* — as entrevistas de televisão —, que fazem piada com as respostas do entrevistado;

c) A entrevista-diálogo – o entrevistador e entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. Este diálogo é mais que uma conversação mundana, é a busca de um comum;

d) Neoconfissões – o entrevistador se apaga diante do entrevistado, que faz um mergulho interior. Para Thaís Jorge (2008), é o depoimento ou entrevista testemunhal, na qual o entrevistado deixa o outro falar livremente, muitas vezes em um desabafo emocionado.

Com base nessas quatro categorias, Medina determina subgêneros de espetacularização e de compreensão (aprofundamento). Na primeira área, ela define:

a) Perfil do pitoresco – caricatura do perfil humano. É comum serem retratos de figuras proeminentes, em que se salienta a fofoca, o grotesco, os traços sensacionalistas, o picante de acordo com os modismos sexuais.

b) Perfil do inusitado – procura-se extrair do entrevistado o que o caracterizaria como excêntrico, exótico.

c) Perfil de condenação – pautada no maniqueísmo e no julgamento apriorístico, este perfil reduz o ser humano na figura de mocinho/bandido. Muito utilizado no setor policial do jornalismo, força a entrevista para que o “bandido” seja implicitamente condenado.

d) Perfil de ironia intelectualizada – extrai do entrevistado uma forma de condenação: suas ideias e contribuições são ironicamente contestadas. A seleção de frases, as contradições ocasionais, isoladas do contexto, e a adjetivação atribuída pelo repórter ao entrevistado acabam por “transformar em monstro o mocinho original” (2000, p.16).

Os subgêneros da compreensão-aprofundamento definidos por Medina são cinco:

a) Entrevista conceitual – o entrevistador busca bagagem informativa, põe a curiosidade e o espírito aberto a serviço de determinados conceitos que, reconhece,

a fonte a ser entrevistada detém. Procura especialistas de várias correntes de informação e interpretação, está interessado em conceitos e não em comportamentos.

b) Entrevista/enquete – o tema é o fundamental da pauta e procura-se mais de uma fonte para depor em relação ao assunto. O aleatório será o critério jornalístico na seleção dessas fontes. Admite-se uma pauta ou questionário básicos para dar unidade à enquete.

c) Entrevista investigativa – aquela que visa investigar onde a informação não está ao acesso do jornalista. Os temas preferidos são de repercussão pública, como administração governamental, gestão do dinheiro público, abusos de poder. A habilidosa entrevista em *off* e em *on*, que dê retaguarda ao *off* (de consumo interno do entrevistador) é a técnica essencial deste gênero jornalístico.

d) Confrontação-polemização – o jornalista deve denotar habilidade de mediador, instigador e investigador, porta-voz de dúvidas do senso comum: a coordenação do debate é a sua atitude específica. É utilizada em temas polêmicos, em que se visualizem discórdias, ambiguidades e contradições sobre um fato. Os veículos de comunicação podem apelar para o formato de debate, mesa-redonda, painel, simpósio ou seminário.

e) Perfil humanizado – é a entrevista que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos histórico de vida. Ao contrário da espetacularização, o perfil humano não provoca desnecessariamente, apenas para acentuar o grotesco ou condenar a pessoa.

Outra classificação é definida de acordo com a condução das perguntas, conforme descrito por John Brady (1976). A entrevista pode tomar duas formas, de funil ou de funil invertido. De acordo com Brady, no primeiro formato a conversa começa por generalidades e perguntas abertas, que permitem ao entrevistado realizar uma introdução ao assunto e indicar os assuntos que deseja desenvolver.

No funil invertido, as primeiras questões se referem a pontos específicos, podendo ser duras, técnicas, desafiadoras. Segundo Brady (1976, p.73), o funil invertido é um formato útil para entrevistar “o sujeito mais franco e desafiador — a

criança”. Ele afirma que a criança pode ter dificuldade de responder perguntas mais abertas e, por isso, seja necessário direcionar as questões. Também é um método adequado para o repórter mostrar ao entrevistado que ele tem conhecimento sobre o assunto da conversa.

As classificações de entrevista jornalística são bastante variadas, apesar de apresentarem muitas características em comum, principalmente em pontos mais descritivos e observáveis fisicamente, como as entrevistas coletiva e exclusiva. A nosso ver, a tipificação de Medina é a que mais se destaca em termos desta pesquisa, por elaborar categorias interpretativas, separando as que prejudicam e as que enriquecem a comunicação humana. Para escolher o tipo de entrevista, o repórter deve avaliar qual trará melhores frutos, de acordo com a personalidade do entrevistado, o objetivo e o contexto da conversa.

## **4.2 Diferenças de acordo com o veículo**

Além das categorias descritas, as características dos meios de comunicação também provocam importantes diferenças na entrevista. Um dos motivos é que a forma de registrar a conversa afeta o comportamento dos interlocutores, conforme apontado por Lage (2001, p. 79). Câmaras, microfones e até um simples gravador portátil de áudio pode intimidar ou constranger o entrevistado, dependendo da personalidade e do contexto em questão.

Para Nilson Lage (200, p. 87), a televisão é o meio que mais expõe o entrevistado, devido às informações transmitidas pela imagem: “Mais do que qualquer outro veículo, a entrevista televisiva devassa a intimidade do entrevistado, a partir de dados como sua roupa, gestos, seu olhar, a expressão facial e o ambiente.” Junto com a aparência, o tempo de duração da entrevista exige grande cuidado na televisão. Oyama (2009, p. 52) observa que “na TV, o tempo determina a forma de fazer as perguntas, a abrangência das questões e o ritmo da conversa”.

Se a conversa for ao vivo, a preocupação deve ser ainda maior, seja na televisão ou no rádio. O tempo estabelecido para a entrevista pode impedir que o assunto seja abordado de forma suficiente, e o público tenha “a nítida impressão de

que faltou alguma coisa”, afirma Lage (2001, p. 81). O efeito inverso também ocorre: o assunto pode se esgotar antes do previsto e a entrevista ficar repetitiva ou irrelevante.

Para Barbosa e Rabaça (2001), o rádio e a televisão dão margem a uma comunicação mais ampla e afetiva, no sentido de que possibilitam a transmissão dos estímulos não verbais do entrevistado. Na imprensa escrita, a entrevista é relatada de forma mais indireta. Para Halperín (2005), no entanto, o jornalismo impresso tem a vantagem de distanciar os numerosos “fantasmas” presentes na entrevista jornalística: o público, o meio de comunicação, os pares do entrevistado, as instituições as quais está ligado, as paranóias do entrevistado e do jornalista. Segundo esse autor, a entrevista para o jornalismo impresso tem melhores condições de adotar o tom de uma conversa normal, e o entrevistado tende a diminuir a consciência de que está falando para milhares de pessoas.

Tal efeito é difícil de ser obtido diante do equipamento técnico utilizado no rádio e na televisão. Nesses veículos, Halperín considera que o tom — da fala e da postura do corpo — costuma ser mais formal e é impossível ignorar o terceiro na entrevista: o público. Diante disso, as respostas do entrevistado costumam ser cuidadosas: ele se protege mais, é menos espontâneo e é mais difícil que fale sobre suas intimidades (Halperín, 2005, p.41). Essas características dependem, é claro, da habilidade do jornalista, do entrevistado e do ambiente, por exemplo, se o diálogo é feito em casa com a presença de poucas pessoas ou se é realizado em um estúdio, com ou sem auditório. Outra importante diferença é que na televisão o trabalho é mais coletivo. A entrevista é construída pelo jornalista e pelo repórter cinematográfico e o diretor, estes dois últimos os principais responsáveis por conduzir o olhar dos espectadores e elaborar a narrativa visual.

No caso do rádio, Halperín pontua a menor preocupação com a aparência e, por isso, o tom — da fala, da postura do corpo, das roupas — tende a ser mais informal. Longe da visão do público, a conversa tem menos inibições e melhores chances de adotar um clima intimista. Por outro lado, o ouvinte é uma figura muito menos “fantasmagórica” no rádio. Nesse veículo, o público tem uma relação estreita e participativa. Ainda durante a entrevista, o entrevistado tem a oportunidade de

saber a opinião de vários ouvintes, que mandam comentários sobre as declarações e são citados pelo jornalista.

Cada veículo, portanto, exige algumas técnicas específicas de entrevista, de acordo com a forma de apresentação da notícia. São diferenças em relação ao tempo, às informações transmitidas para o público (auditivas, audiovisuais, texto), ao local de condução da entrevista, aos equipamentos utilizados, entre outros aspectos que afetam o diálogo com os entrevistados.

### **4.3 Diferenças entre a entrevista pessoal e a distância**

Neste capítulo, vamos destacar as características da entrevista de contato direto com o entrevistado e da entrevista que utiliza mecanismos de comunicação a distância. Para fins de concisão, vamos chamar o primeiro tipo de “pessoal”, termo utilizado pela autora Thaís Oyama (2009). É importante considerar, no entanto, que essa nomenclatura não é suficientemente clara. Toda entrevista, em sentido literal, implica a participação de pessoas e é, assim, “pessoal”. O segundo tipo é aquele que emprega diferentes mecanismos de comunicação remota, que serão descritos a seguir.

Thaís Oyama (2009) faz uma escala de preferência: a melhor entrevista é a pessoal, depois a por telefone e, por último, a por email. Segundo Oyama, o telefone diminui a capacidade de persuasão e percepção do repórter. É mais difícil convencer a fonte a dar uma informação e identificar as reações dela. A vantagem estaria em poder alcançar entrevistados quando não é possível o contato direto. “Já em relação ao email, nem essa vantagem existe — uma vez que a conversa pode se dar... por telefone”, analisa Oyama (2009, p.17).

Para a autora, o email tira a espontaneidade da fala, além de não garantir que as respostas vêm realmente do entrevistado ao invés de outra pessoa. A autora considera que o pior aspecto desse recurso é anular um dos principais *direitos* do repórter, que é fazer a pergunta em relação à resposta do entrevistado. Mas, no email, as perguntas são estanques, enviadas e respondidas todas de uma vez. Uma situação confortável para o entrevistado, que não é confrontado imediatamente.

Nilson Lage (2006, p. 78) destaca que, atualmente, é possível ter uma conversa oral vendo a imagem do interlocutor na tela do computador. Ainda assim, a espontaneidade é menor do que nos encontros face a face. Segundo o autor, essa perda ocorre devido à complexidade dos fatores envolvidos em uma conversa. O principal motivo é a redução do ambiente partilhado, limitado pelo ângulo da câmera do computador e sua imobilidade. Pessoalmente, o entrevistador tem maior facilidade para olhar e observar diversos aspectos do entrevistado. A proximidade física permite ter uma resposta mais completa, que inclui aspectos auditivos e visuais, identificados com rapidez. Nilson Lage afirma que movimentos de mãos, desvios de olhar, silêncios, expressões corporais de modo geral — muitas vezes excluídas da fase de edição da matéria — podem ser os momentos mais significativos e importantes da entrevista.

Segundo Lage (2006, p. 86), a proximidade permite que o repórter tenha maior comando da conversa, a capacidade de impedir que o entrevistado mude de tema, algo impossível de ser feito por email. O entrevistado também é capaz de perceber as reações do repórter, que pode demonstrar interesse e entendimento do assunto. Para Nilson Lage, o tipo de entrevista é a característica fundamental na escolha da maneira de como contatar fontes e personagens. “Entrevistas temáticas e rituais funcionam geralmente bem pelo telefone, o que acontece menos com entrevistas testemunhais e não é absolutamente recomendável em entrevistas dialogais ou em profundidade.”

Para Pereira Junior (2006), o uso do telefone e do email é recomendável depois da entrevista, na hora de editá-la, no caso de surgir alguma dúvida pontual. Ele considera que as tecnologias podem dificultar a humanização dos conteúdos jornalísticos. Segundo o autor, a humanização é um processo complexo, maior do que apenas encontrar personagens para as matérias. Exige uma apuração rigorosa, a real aproximação com os personagens, sem estereotipar ou reduzir drasticamente os significados possíveis da realidade. A desumanização é a falta de contextualização, a superficialidade, o protagonismo dos dados e índices em detrimento do humano.

A humanização encontra desafios “numa sociedade que se ramifica e fica mais complexa e mediada, em que contatos diretos são difíceis e o volume de

informação é maior que a capacidade de absorvê-la” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p.96) e o ponto chave está no grau de separação entre o jornalista e quem — ou o que — é alvo de sua aproximação:

Quando a observação ou o contato direto dão lugar a meios indiretos de obtenção de informação — o telefone, a internet, o *press-release*, o arquivo, o risco de desumanizar a cobertura ganha complicadores adicionais, tal o grau de distanciamento a ser agregado à interlocução entre repórter e entrevistado. (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 96-97).

Para esse autor, os mecanismos de comunicação remota podem ter caráter prejudicial ao facilitar o afastamento entre entrevistadores e entrevistados, em um processo que enfraquece o relacionamento entre esses atores e empobrece a representação da sociedade pela mídia.

Hugh Sherwood (1981) enfatiza as características do uso do telefone e aconselha evitar esse mecanismo sempre que possível, pois o resultado, segundo o autor, é inferior à entrevista de contato direto. Sherwood (1981, p. 85-86) avalia que a conversa por telefone tende a ser mais breve e superficial. Ele levanta duas causas para isso: sem ver o repórter, o entrevistado costuma ter mais desconfiança e reserva e pode encurtar o diálogo; o telefonema tem maiores chances de ocorrer em um momento inoportuno do que um encontro pessoal marcado com antecedência — o entrevistado pode estar ocupado e dedicar menos tempo para o jornalista.

Além das críticas, Sheerwood (1981, p. 86) descreve situações em que o uso do telefone é vantajoso. Para ele, esse recurso é benéfico quando o repórter não tem condições de encontrar o entrevistado pessoalmente, devido a distâncias espaciais ou a pouca disponibilidade de tempo e quando as informações que precisam ser obtidas são pontuais e breves, cerca de uma ou duas perguntas. No entanto, se a matéria for extensa e requerer muitos dados, ele indica o contato direto. Para deixar o parâmetro claro, até aponta uma média de duração da entrevista. Se tiver mais de oito ou dez questões, é melhor falar pessoalmente. “Se você achar que a conversação vai durar mais de quinze minutos, faça o possível para avistar-se com o entrevistado. Provavelmente, isso durará entre vinte e trinta minutos”, recomenda Sherwood (1981, p. 86). Ele afirma que essa extensão ocorre

porque a entrevista, por sua natureza, sugere outras questões no decorrer da conversação.

John Brady dedica um capítulo do livro *The Craft of Interviewing* às entrevistas por telefone e por escrito. Publicado em 1976, o livro é anterior à popularização do email, cujo primeiro protótipo foi criado em 1978. A *entrevista por escrito* a que John Brady se refere é aquela que utiliza um meio físico. As características essenciais da entrevista/questionário no papel e em meio eletrônico são as mesmas: o jornalista manda as perguntas e aguarda por uma resposta — seja manuscrita, datilografada ou digitada.

Para John Brady, a *entrevista por escrito* tem a vantagem de poupar tempo ao permitir o contato com múltiplos entrevistados simultaneamente, que estejam em locais distintos. Brady avalia que, no final dos anos 1970, a entrevista escrita era um procedimento arriscado, geralmente ignorado e fora de moda. Mas que poderia trazer resultados bem sucedidos para os repórteres, com declarações surpreendentes e interessantes. A *entrevista por escrito*, no entanto, parece mais longa do que os atuais emails. Brady cita um jornalista, Joseph Durso, que recomendava o envio de pelo menos trinta perguntas para o entrevistado. Outro recurso mencionado por Brady era a possibilidade de mandar fitas cassete de áudio e perguntas para o entrevistado, que retornaria respostas gravadas em som.

Em relação ao telefone, Brady (1976, p.175) começa com uma analogia: “A entrevista por telefone é o McDonald’s do jornalismo; não é melhor método de obter informações, mas é rápido e útil.” Segundo o autor, uma vantagem é que muitos entrevistados falam mais livremente quando não podem ver o repórter tomando notas. Quanto às desvantagens, existe o poder do entrevistado de terminar a conversa a qualquer momento, apenas desligando o telefone.

Outro desafio desse recurso é desenvolver a relação com o entrevistado sem as informações visuais. Um sorriso ou um olhar são ferramentas perdidas na ligação. O relacionamento com o entrevistado, na entrevista pessoal, consegue ser mantido em meio a pausas, silêncios e até “pequenas catástrofes”; já a conexão ao telefone se perde rapidamente assim que o silêncio atinge a conversa. “Em resumo: enquanto a entrevista escrita pode ser precisa, mas enlatada, a entrevista por

telefone é frequentemente espontânea, mas inexata” (BRADY, 1976, p. 179-181). Para obter um bom material, ele recomenda combinar os dois métodos.

A entrevista pessoal é considerada, na maioria dos casos, o melhor método para obter informações dos entrevistados, de acordo com Hugh Sherwood (1981), John Brady (1976), Nilson Lage (2006), Pereira Junior (2006) e Thaís Oyama (2009). Ela geralmente é mais longa, permite a apreensão de informações visuais e facilita o desenvolvimento de confiança entre os participantes da conversa, entre outras qualidades mencionadas pelos autores.

As entrevistas feitas por mecanismos de comunicação a distância (os principais meios citados são o telefone e o email) têm como maior vantagem o ganho de agilidade, apesar de tenderem para conversas mais breves e de menor potencial informativo. No entanto, elas são capazes de trazer bons resultados, principalmente quando não é possível (por questões de tempo ou de distância espacial) encontrar o entrevistado pessoalmente e quando o objetivo da entrevista é obter uma informação precisa e pontual.

## 5. Corpus empírico: entrevista com os entrevistadores

Neste capítulo, vamos analisar o emprego da entrevista nas rotinas produtivas dos jornalistas. Buscamos entender como os jornalistas escolhem o tipo de entrevista que vão utilizar (se pessoal ou a distância), quais recursos empregam (equipamentos e tecnologias como telefone, email e mídias sociais) e as condições que influenciam essas escolhas.

Realizamos sete entrevistas em profundidade, de duração média de 30 minutos, guiadas por perguntas semi-abertas. Procuramos ter uma amostra de jornalistas com experiência em diferentes veículos, com idades e cargos diferentes (repórteres e editores). Demos ênfase no formato impresso, com o qual tivemos maior proximidade para observação, mas também entrevistamos profissionais de rádio, televisão, revista e on-line. Acreditamos que seria possível observar diferenças na condução da entrevista em diferentes formatos midiáticos.

Os profissionais entrevistados atuam nas seguintes empresas: Revista do Correio (publicação semanal do jornal Correio Braziliense); Jornal de Brasília; jornal O Globo; portal Brasil Notícia; rede Sistema Brasileiro de Televisão (SBT); Rádio e TV Câmara (repórter trabalha simultaneamente nas duas áreas).

Os jornalistas não foram entrevistados como representantes dos veículos, portanto, a identidade deles será preservada. Assim, vamos seguir o modelo adotado por Luciana Carla Kwiatkoski (2014), em que cada entrevistado será identificado por um número. O gênero das pessoas será apontado pelo artigo “o” ou “a”. Os entrevistados são os seguintes:

<b>Entrevistado</b>	<b>Idade</b>	<b>Veículo</b>
Jornalista 1	30 anos	Jornal Correio Braziliense
Jornalista 2	45 anos	Rede Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)
Jornalista 3	53 anos	Atualmente sem vínculo empregatício, último cargo no O Globo
Jornalista 4	61 anos	Portal Brasil Notícia
Jornalista 5	32 anos	Jornal O Globo
Jornalista 6	23 anos	Jornal de Brasília
Jornalista 7	32 anos	Rádio e TV Câmara

Para facilitar a leitura, vamos dividir as informações das entrevistas em algumas seções. No entanto, elas não são totalmente separadas, os elementos de uma categoria podem estar presentes em outras, pois muitas das observações e análises dos jornalistas foram baseadas em comparações.

### **5.1 Tendência ou acomodação?**

A jornalista 2 (Entrevista à autora, 25/05/ 2015), 45 anos, acredita que o uso negativo das tecnologias desenvolve entrevistas “cada vez mais impessoais, pasteurizadas e distantes”. Ela considera que essa consequência ocorre, entre outros motivos, porque as redações trabalham com menos profissionais do que em décadas anteriores. “Esses profissionais que restam estão sobrecarregados, têm que dar conta de quatro, cinco pautas por dia. Você não tem tempo hábil para ir aos lugares.”

A jornalista 3 (Entrevista à autora, 28/05/2015), 53 anos, aponta na mesma direção. Ela acredita que a queda no uso da entrevista pessoal se deve ao processo multimídia, que pede a publicação em várias plataformas e de forma rápida. “Não existe mais o jornalista que escreve só para o jornal. Ele tem que fazer a matéria para o jornal, para o tempo real e, se der, ainda postar publicações no Twitter.”<sup>5</sup>

Outro fator, apontado pela jornalista 2, é a crescente complexidade da mobilidade urbana. “São Paulo é uma cidade com trânsito enlouquecedor. O Rio de Janeiro, idem. É raríssimo você ver um repórter que vai aos lugares. Ele faz tudo por telefone, porque é longe, porque tem um trânsito infernal.” No caso de Brasília, ela destaca que o tráfego está em níveis menos intensos, mas que muitas pautas são longe. Ela também admite que existe um certo comodismo, que inclui uma tendência “das novas gerações de entrevistar assessoria de imprensa”, mais acessíveis do que as fontes diretamente.

A jornalista 4 (Entrevista à autora, 28/05/2015), 61 anos, acredita que o menor contato direto com os entrevistados não é só responsabilidade da redação. Ela considera que as fontes estão superprotegidas pelas assessorias de imprensa. “As

---

<sup>5</sup> Twitter é uma rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos curtos de até 140 caracteres.

assessorias protegem mesmo, os entrevistados ficam em uma redoma. Elas pedem para mandar todas as perguntas por email. Hoje, para ter mais contato profissional, é melhor cobrir greve”, afirma.

A jornalista 2 destaca que essas características não dependem apenas da postura do repórter, mas do contexto do mercado jornalístico. Ela avalia que o jornalismo está passando por um momento de transformação que muda todos os hábitos e rotinas. A necessidade de notícias em tempo real é um dos principais elementos desse processo. E a situação é de redações com menos profissionais atuando e pressionados para entregar quantidade e não qualidade. “Qualidade são matérias com profundidade. Isso leva tempo. Mas os veículos não estão pensando nisso. Os veículos estão pensando em produção, é como se fosse um fábrica de salsicha”, critica.

A jornalista 4 concorda com a visão da jornalista 2. Ela também não acha que os veículos estão investindo em estrutura para facilitar a entrevista pessoal. “As empresas não estão querendo investir, porque mandar o povo<sup>6</sup> para a rua é complicado, envolve mão de obra, veículo, gasto de combustível, problemas com o trânsito.” Ela acredita que essa decisão ocorra porque a entrevista por telefone é mais econômica e exige menos tempo, bem precioso para todos os jornalistas, principalmente aqueles que trabalham com o jornalismo on-line.

O jornalista 1 (Entrevista ao autor, 12/05/2015), 30 anos, foge um pouco do padrão ao minimizar os aspectos organizacionais e da rotina produtiva e colocar maior peso nas escolhas individuais. “De fato temos pouco tempo, mas não tão pouco a ponto de justificar fazer tudo por telefone.” Ele afirma que algumas condições externas incentivam esse comportamento, mas que a decisão final cabe ao repórter:

As coisas não são perto, você toma chá de cadeira, perde muito tempo esperando um carro vir te buscar. O que eu sinto, de ver [na redação], é que você vai incorporando esse discurso e daí a pouco não está fazendo [a entrevista pessoal] porque não quer. Prefere ficar sentado, fazer um bando de telefonemas, você fica acomodado. (Jornalista 1, 2015)

---

<sup>6</sup> A entrevistada utiliza “povo” para se referir ao repórter ou à equipe de reportagem.

O jornalista 1 considera que esses hábitos podem diminuir a conexão com os entrevistados e culminar na desmotivação do profissional. “É um passo bem arriscado para que você passe a não se interessar mais pelo jornal, pelas matérias que você faz.” Ele não se identifica com essa tendência e diz que o contato direto com pessoas foi uma das motivações dele para entrar na área. “Se tem uma coisa que me fez interessar-me pelo jornalismo é essa dinâmica. É você sair, estar na rua, ver gente, esbarrar nas pessoas.”

A jornalista 3 acredita que muitas matérias estão deixando de ser feitas porque os profissionais não estão indo direto à fonte. Ela conta que, antes da expansão da internet, para se ter acesso a documentos era preciso ir pessoalmente às autarquias.

Nesse ir às fontes de notícias, você descobre não só os dados que está procurando, mas outras informações importantes. Por mais que dados, documentos e tabelas digam muita coisa, a entrevista, a conversa pessoal, ainda tem um poder muito grande de fornecer informações, de dar a notícia nova. O contato pessoal pode consolidar uma relação entre jornalista e fonte, estreitar esse relacionamento. (Jornalista 3, 2015)

A jornalista 3, portanto, enfatiza a importância de cultivar fontes para a notícia e não se limitar aos dados obtidos na internet. “Eu acho que existe um risco muito grande de acomodação, de fazer um jornalismo de Google, de tabelas.” Ela acredita que se criou um hábito muito forte de ficar na redação, apoiado pelas facilidades tecnológicas de encontrar informações na rede e de comunicação por meios eletrônicos. E tem dúvidas quanto ao futuro: “Isso é uma transição, não sei se vai permanecer.”

O jornalista 5 (Entrevista ao autor, 29/05/2015), 32 anos, trabalha na sucursal de um grande jornal e se contrapõe à ideia de acomodação. Ele foi o único que explicitamente se opôs a essa ideia:

Acho que existe um falso pressuposto de que as pessoas estão ultradependentes do telefone, do Google, da internet, e isso vem aprisionando as pessoas. Não acho que é uma questão de comodismo na sua essência. Acho que é muito mais devido às transformações que as redações vêm sofrendo, como o enxugamento [do quadro de funcionários]. (Jornalista 5, 2015)

Ele acredita ser uma injustiça classificar as redações de *preguiçosas*. O entrevistado considera que o atual estado das redações, com menos saídas às ruas, é apenas uma consequência das mudanças na rotina das redações, o que provoca alterações na dinâmica jornalística. Ele se define como um otimista, que não vê as novas gerações como preguiçosas. “Pelo contrário, eu vejo as pessoas se movimentando o tempo inteiro.” Ele levanta a hipótese dessa avaliação ocorrer devido ao seu ambiente de trabalho ser uma sucursal, com equipe reduzida, o que obriga os profissionais a se deslocar com frequência para cobrir áreas específicas. Entretanto, destaca que já trabalhou em jornais-sede e também percebia boa movimentação dos repórteres.

O jornalista 5 avalia que existe um acúmulo de demandas; então, em certos momentos, é preciso focar nas conversas por telefone para dar conta dos prazos. Ele considera que em matérias mais corriqueiras pode ser melhor apostar nesse recurso de comunicação a distância e que as matérias mais elaboradas são as que exigem mais conversas pessoais.

## **5.2 Diferentes editoriais e formatos**

O jornalista 1 é colunista de gastronomia. Sua coluna é publicada semanalmente num jornal de grande circulação local. Ele conta que costuma visitar pessoalmente os restaurantes que cita. O entrevistado avalia que esse contato direto permite uma abordagem mais próxima e verdadeira. O jornalista 1 afirma que sempre prova os pratos, apesar de não fazer crítica gastronômica em si. “Não faz sentido eu, sem saber o que está sendo servido, dizer para uma pessoa ir a um restaurante. É o tipo de coisa que a gente precisa ir. Não dá para saber a cara da comida nem, obviamente, o gosto.” Outro aspecto destacado pelo jornalista 1 é poder conhecer a forma como o prato é tratado e perceber as expressões do chef de cozinha, se está empolgado ou não com a profissão. “Você olha na cara do chef, [percebe] o jeito que ele fala dos ingredientes. Falar de comida é falar de amor. É legal conversar com pessoas que amam a comida.”

A jornalista 3, de 53 anos, também teve experiência como colunista, porém na área de política, na sucursal de um jornal de circulação nacional. Nessa temática, a

maneira de conduzir a entrevista é bastante distinta da coluna gastronômica, que precisa provar os sabores dos alimentos. A jornalista 3 conta que a maioria das informações para coluna é obtida por telefone e dá algumas explicações para isso.

Primeiro, pela necessidade de economizar o tempo. Segundo, para buscar informações diferenciadas das matérias do corpo do jornal. “É cada vez mais raro ver colunista lá no Congresso entrevistando as pessoas. Eles procuram evitar os lugares comuns, têm que correr por fora para tentar o diferencial”, justifica. A jornalista 3 explica que muitas entrevistas para coluna são dadas por fontes em off (quando os entrevistados não querem ser identificados), voltadas para bastidores, contextualização, perspectivas políticas. E esse contato ocorre muito por telefone e em encontros com personalidades influentes. Ela afirma que o foco é buscar fontes-chave do governo. “Você precisa estar sempre pedindo para tomar um café, ter um almoço. Não é todo dia. Mas uma conversa dessas vai te dar informações para várias colunas, quando a fonte é boa.”

Em relação à reportagem política, voltada para o *hard news*, a jornalista 3 aponta que as entrevistas geralmente são presenciais, nas coletivas, no quebra-queixo (coletiva informal, quando vários repórteres tentam entrevistar uma pessoa ao mesmo tempo) e entrevistas individuais com os parlamentares. Os contatos a distância costumam se dar nos dias em que os políticos estão fora de Brasília ou se destinam a reportagens especiais, não diretamente ligadas à cobertura cotidiana.

Ela afirma que também tem se tornado muito comum o uso de mídias sociais. “Às vezes, eles [os políticos] estão em uma mesa e não podem atender o telefone, mas podem mandar uma mensagem no Twitter. São muitas as possibilidades, até por *Whats App* e *Facebook*.”<sup>7</sup> A jornalista 3 considera que todas essas formas de comunicação ajudam e aceleram a produção da notícia, principalmente nessa “corrida do noticiário online, a disputa por furos”. São recursos que também exigem cuidados, como toda entrevista. “É preciso ter certeza do que você está perguntando e do que você está ouvindo, para evitar mal-entendidos. São ferramentas que agilizam a apuração, mas têm que ser usadas com comedimento e

---

<sup>7</sup> *Whats App* é um aplicativo de celular para troca de mensagens instantâneas. *Facebook* é uma rede social para construção de perfis pessoais.

responsabilidade.” Ela acrescenta, no entanto, que distorções na informação podem ocorrer em qualquer tipo de entrevista, seja por meio de mídias sociais, seja ao vivo.

O jornalista 5 considera que as mídias sociais são importantes para alguém se manter informado, mas geralmente não são essenciais na apuração. “Não me lembro de uma matéria em que uma rede social tenha sido decisiva, pelo menos não no tipo de matéria [investigativa] que eu faço.” A jornalista 3 considera que recursos de comunicação remota, como emails e mensagens trocados em celular, são bons quando se tem que fazer uma única pergunta, assim como comentou o jornalista 1. “Às vezes, você só precisa de uma confirmação. Vai se encontrar com Dilma amanhã? E a pessoa responde sim ou não, pronto. Você já conhecendo o cenário da disputa, sabe qual vai ser o assunto, tem uma matéria”, explica a jornalista 3.

O jornalista 5 destaca as peculiaridades das matérias investigativas. Assim como na coluna, as entrevistas por telefone são predominantes e há muitas declarações em off. Ele descreve que, nesse tipo de cobertura, muitas fontes se mostram reticentes, com medo, por lidar com informações sigilosas:

Então, muitas vezes a fonte não quer te receber por razões de sigilo, não quer ser vista com jornalista. É um trabalho delicado, não é tão explícito e exige um pouco mais de discrição. A gente conversa muito por mensagem no celular, por *Whats App* ou outros mecanismos (Jornalista 5, 2015).

Em tais condições, o jornalista 5 afirma que é necessário fazer todo um trabalho de convencimento das fontes, para desenvolver uma relação de confiança. São fontes que costumam ser colaboradoras de longo prazo. O jornalista ressalta, no entanto, que é importante ter o encontro presencial em algum momento. “O contato pessoal te permite ter convicção dessa confiança. Eu sempre peço para encontrar, nem que seja brevemente.” Ele afirma que, em conversas pessoais, é mais fácil identificar se o entrevistado está falando verdade ou mentira, um dado importante para guiar a apuração. “As conversas pessoais são mais ricas pela natureza humana mesmo, a gente é afeito à conversa, à confiança no interlocutor. É muito diferente conversar pessoalmente, sentir confiança, olhar no olho da fonte”, avalia.

O jornalista 1 também faz uma observação sobre editoriais frias, que não realizam a cobertura de fatos diários e geralmente produzem matérias acerca de contextos e temas sem data determinada. Ele acredita que, nesse tipo de conteúdo menos factual e imediatista, pode ser ainda mais fácil “se esquecer de sair”. Ele conta que, nessas áreas, os personagens geralmente são procurados dentro da redação. Em uma matéria sobre a importância da vacinação infantil, ele sugeriu a uma colega que fosse a um posto de saúde. A indicação é simples e óbvia para um repórter experiente, mas não era o caminho que a repórter tinha planejado.

“Tentamos achar um personagem perfeito. Tem que parar com essa loucura de personagem bonito e foto maravilhosa. [...] Todos os personagens são perfeitos na medida em que se enquadram na pauta que você está fazendo.” O jornalista 1 também considera que essa busca do personagem ideal, sem ir procurar pessoalmente o inusitado, tende a engessar as matérias em uma tese prévia. “As pessoas só querem confirmar as ideias. Na verdade, o bom é você quebrar as ideias, ter outra visão, você ter outro aspecto até para aumentar a sua matéria.”

No exemplo da vacinação, também há um elemento importante que não foi mencionado pelo jornalista 1: o público. A editoria na qual trabalhava a repórter, um suplemento de domingo do jornal, era voltada para classes mais altas, e dificilmente os personagens das matérias seriam obtidos em locais populares, como postos de vacinação. Por isso, a jornalista não havia pensado nesses locais como possíveis fontes para colher dados ou entrevistar pessoas.

O jornalista 1 integrou a equipe de um site durante a Copa do Mundo de 2014. Em sua visão, a equipe foi prejudicada por ser pequena e assim os repórteres saíam pouco da redação. A jornalista 6 (Entrevista à autora, 03/06/2015) também já trabalhou em site. Ela revela que as entrevistas para o jornalismo on-line são majoritariamente por telefone, para obter uma atualização o mais rápido possível, de forma a não depender do deslocamento do repórter até o entrevistado ou do recebimento de respostas por email: “Se você esperar um pouquinho, você leva furo”.

A jornalista 3 também destacou diferenças interessantes em relação às editorias. Ela era coordenadora de Política e não tinha repórteres que passavam

muito tempo na redação, pois eles tinham um evento diário em um cenário que “borbulha notícia”: o Congresso Nacional. Outras editorias não tinham a mesma vantagem. “Eu vivenciei muitos coordenadores de área preocupados com repórteres que não vão conversar [pessoalmente]. Mesmo que não haja um evento diário que chame o repórter, ele tem que estabelecer uma rotina de contato [com as fontes].” A jornalista 3 considera que as facilidades das tecnologias permitiram uma “acomodação” por parte de alguns repórteres, que não têm um acontecimento que os chame para o local da pauta: “Aí eles vão se acomodando e fazendo tudo por telefone”.

A jornalista 2 comentou algumas peculiaridades da televisão. Ela considera que o *Skype*<sup>8</sup> é um bom recurso para a TV, porque ele consegue prover uma imagem, ainda que em baixa resolução. Essa necessidade da imagem pode dar a impressão de que o repórter televisivo é o que mais encontra pessoalmente os entrevistados. No entanto, isso não é necessariamente verdade, devido às características de produção desse veículo. A televisão pode chegar a proporcionar um distanciamento maior do que em outros meios. “Televisão é um processo muito grupal. Existem repórteres de TV que nem vão ao lugar da matéria, tudo é feito por um produtor; ele aparece lá só para gravar a passagem”, aponta a jornalista 2, se referindo ao momento em que o repórter aparece nas reportagens televisivas.

A jornalista 7 (Entrevista à autora, 05/06/2015), 32 anos, que trabalha para uma rádio e televisão públicas, conta que usa três tipos básicos de entrevista: 1) ao vivo; 2) marcada por telefone ou pessoalmente e 3) encomendada para a produção. Geralmente ela só utiliza o telefone para as entrevistas para rádio, porque a TV tem a necessidade da imagem. Quando o entrevistado está distante e é necessário utilizar a entrevista por telefone, a TV emprega o recurso de exibir uma imagem pequena do entrevistado, conhecida por “santinho”. No entanto, ela reconhece que esta é uma linguagem inadequada para a televisão. “É uma imagem parada, às vezes com áudio não tão bom, que não dá tanto entendimento e ao mesmo tempo cansa o telespectador. Tem que ser uma informação muito quente para justificar”, avalia. Em alguns momentos, também utiliza o *Skype*.

---

<sup>8</sup> *Skype* é um serviço de mensagens instantâneas e conversas por vídeo.

### 5.3 Entrevista pessoal

A jornalista 2, 45 anos, afirma: “Nada substitui a entrevista presencial. Você observa meus atos, meu temperamento, nada substitui a sua observação.” Como exemplo, ela cita uma entrevista que realizou com um juiz. Ela viu que ele escrevia com uma caneta verde e sua gravata também tinha tons de verde. Para descontrair, resolveu perguntar: “Isto tudo é para combinar com os olhos verdes do senhor?” O juiz acabou dando uma resposta relevante para a pergunta despretensiosa.

A cor era um código utilizado por juízes integrantes de um grupo de combate à máfia internacional. Todos os integrantes usam algo verde, para que se identificar. “Como é que eu ia saber disso se não o estivesse entrevistando tête-à-tête? A entrevista pessoal faz surgir novos elementos. Por telefone, você é levado à objetividade. Por *Skype*, menos objetividade, mas você ainda não está sentindo o ambiente.” Com sua experiência de 27 anos de profissão, a jornalista considera importante prestar atenção nos elementos do entrevistado e do espaço em que ele está.

A jornalista 3 concorda com algumas das observações da jornalista 2. “Na entrevista por telefone, você faz uma, duas perguntas e a pessoa não pode falar mais. [Na pessoal] você tem mais condições de aprofundar o assunto.” Ela também ressalta a vantagem de estreitar a relação com a fonte, que passa a conhecer a forma de trabalho e a personalidade do jornalista.

A jornalista 4, que é de um veículo on-line, reconhece a prática da entrevista pessoal como forma de ganhar segurança e status na profissão. “A partir do momento em que você age como um profissional seguro perto da pessoa, ela vai falar com tranquilidade.” A editora considera que, ao ganhar a confiança da fonte, é possível obter informações inéditas, conseguir outras entrevistas com o entrevistado, que pode até chamar o jornalista para passar informações.

A presença do repórter no local onde estão os entrevistados é importante para o crescimento profissional, para obter reconhecimento e experiência, considera a jornalista 4: “Você tem mais chances de ter informações e assegurar o seu lugar no mercado. A entrevista por telefone é muito boa para os jornalistas que já são setorizados, já são conhecidos”.

Ela aponta uma situação em que a entrevista pessoal traz desvantagem: quando o repórter está despreparado e apenas anota as informações do entrevistado, passivamente, sem dialogar e trazer questionamentos relevantes para a questão. “Aí você leva uma desvantagem violenta. Você cai no descrédito, às vezes você está de frente com a pessoa e não sabe o que vai abordar.”

Outra característica da entrevista pessoal, destacada pela jornalista 2, é a possibilidade de ganhar ou perder a confiança do interlocutor. Ela considera que a conquista da fonte se dá principalmente no contato direto, é uma questão de empatia. Para explicar, faz uma comparação. “É mais ou menos assim, você está paquerando alguém na internet e quando a conhece sente que não *bateu*. Essa empatia está ligada ao olhar, ao contato, ao visual completo.”

A jornalista 2 destaca que a proximidade com a fonte diminui idealizações que alguém possa ter dela. A jornalista 2 dá um exemplo simples, relacionado à aparência. Ela conta que uma vez comentou com o marido que o político Antônio Carlos Magalhães era baixo, com cerca de 1,60 metro. O marido respondeu, surpreso: “Você está brincando, sempre achei que ele era da minha altura [1,90m]”. A jornalista comenta: “Vemos as pessoas tão grandiosas, imensas, e quando encontramos pessoalmente é outra história”.

Certos aprendizados só se obtêm no convívio e na entrevista pessoal, como o respeito às fontes. A jornalista 2 diz que, por ter atuado na área internacional, acabou desenvolvendo amizade com alguns diplomatas. Ela tomou o comentário de um deles como um grande elogio. “Você nos conquistou por nos respeitar como somos”, confessou um diplomata. Esse respeito seria o de entender os limites das declarações deles, ou até quando pressionar por informações. “Eu vejo a impaciência das pessoas com os diplomatas, porque eles não podem falar, eles só vão até certo ponto.” Refletindo, a jornalista 2 acredita que esse respeito se desenvolve melhor no contato presencial.

Com sua experiência de vida e de repórter, a jornalista 2 pondera que as tecnologias têm que ser usadas a favor da reportagem, mas sem ocupar o lugar do contato físico. Recomenda utilizar os mecanismos de comunicação a distância apenas quando o entrevistado está fora da cidade ou do país ou se diz sem tempo

para receber o repórter. E dá outro exemplo, desta vez de uma entrevista a distância bem sucedida. Seria a cobertura do caso em que um diplomata brasileiro ajudou um senador boliviano a atravessar a fronteira para o Brasil. O ocorrido acabou levando a uma crise diplomática que culminou na demissão do ministro de Relações Exteriores, Antônio Patriota<sup>9</sup>. “Eu queria falar com todos os envolvidos, mas estavam todos na estrada, a caminho de Brasília. Eu acabei fazendo isso por telefone e foi um furo, ninguém tinha dado ainda.” O telefonema, concluiu ela, foi, portanto, uma maneira de expandir a apuração.

A jornalista 6 diz que dois critérios são essenciais no momento da escolha por uma entrevista pessoal ou a distância: o tempo e a necessidade de fotografia. “Eu tenho que entender o que é mais importante e o que vai me render foto. Muitas das opções de entrevistar pessoalmente são para ter foto”, admite, confessando que nem sempre é possível encontrar os personagens. Muitas vezes, o fotógrafo vai sozinho para a pauta enquanto ela entrevista a pessoa por telefone. Ela explica que precisa fazer uma linha de prioridades na hora de eleger qual entrevistado deve ser encontrado pessoalmente e/ou ser registrado em foto. E dá um exemplo da situação de uma greve de ônibus. “É quase uma questão de valor-notícia. A população prejudicada é mais importante que os representantes dos motoristas, é muito mais gente.” A repórter prioriza encontrar os passageiros dos ônibus nas paradas por eles comporem uma parcela maior da sociedade, o que tornaria esse grupo mais relevante para a notícia.

Ela também prefere entrevistar pessoalmente quando a matéria exige termos técnicos, o contrário da opinião do jornalista 1. A jornalista 5 acha melhor encontrar um médico, por exemplo, cara-a-cara. Assim, ela considera ser mais fácil entender os termos específicos: “Se você não entender, a pessoa vai ver que você não entendeu e vai tentar te explicar de uma forma melhor”. Em relação às mídias sociais, a jornalista 6 considera melhor utilizá-las apenas para encontrar entrevistados. No entanto, ela conta uma situação bem sucedida de entrevista pelo

---

<sup>9</sup> O senador boliviano Roger Pinto Molina estava asilado há mais de um ano na embaixada brasileira de La Paz, alegando perseguições políticas do governo do presidente Evo Morales. Em agosto de 2013, ele foi trazido para o Brasil em carro oficial brasileiro, embora sem autorização dos governos dos países envolvidos. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,patriota-e-demitido-apos-fuga-de-senador-boliviano-para-o-brasil,1068106>> Acesso em junho de 2015.

chat do *Facebook*. Ela encontrou um brasileiro que estava fora do país e já tinha feito viagens pela companhia *Malaysia Airlines*, responsável por um acidente recente. Queria saber se ele tinha tido algum problema durante o voo. Ele estava fora do país e estava on-line naquele momento, então ela resolveu aproveitar a oportunidade. “É como se fosse um email melhorado, porque a resposta é na mesma hora, como se fosse uma conversa. Mas não dá para saber a reação da pessoa a cada pergunta,” avalia. “A rede social está aí para ajudar. Você só não pode se tornar refém dela. Precisa de alguém prejudicado pela greve? Melhor ir à rua”, recomenda.

#### **5.4 Entrevista por telefone**

O jornalista 1, 30 anos, considera que a entrevista por telefone diminui a observação de elementos que poderiam ser usados na descrição do personagem da notícia:

[Por telefone] você perde a reação da pessoa, você não olha na cara dela, não olha os movimentos das mãos dela, não sabe que roupa ela está usando. Isso tudo conta para mim, você monta uma pessoa. [Sem isso] o texto fica genérico, você só usa a voz da pessoa, o que ela falou.

A entrevista por telefone perderia, portanto, várias informações visuais que seriam importantes para a compreensão do entrevistado. O jornalista 1 considera que esse tipo de entrevista tende a se limitar ao conteúdo da fala e não à maneira como a informação foi dita. Ele afirma, no entanto, que o telefone é um recurso prático e benéfico quando se busca uma informação direta, dados simples, como matérias de serviço que divulgam eventos, ou situações em que se precisa fazer uma única pergunta a um entrevistado.

O jornalista 1, que trabalha em um jornal impresso, concorda que a entrevista por telefone tem menor potencial emotivo, é mais difícil entrevistados se emocionarem ao telefone. E que, ao ir ao local onde está o entrevistado, é possível obter mais dados sobre ele. “Jornalismo não é imaginação, é tudo a partir do outro. É a dádiva e a maldição do jornalismo: você depende totalmente das outras pessoas.” Ele também aponta um risco: “A partir do momento em que você fica

acomodado, sentado na redação, você começa a achar que é autossuficiente.” Ou seja, o profissional começa a pensar que não precisa mais ir às ruas, aos locais onde estão os entrevistados.

A jornalista 2, que tem 45 anos, conta que é “de uma geração em que as entrevistas tinham que ser feitas pessoalmente”. Ela relembra que, em 1989, quando estava na televisão e foi para o rádio, os celulares começaram a se popularizar. Mas era um recurso muito caro, recomendado apenas para emergências.

A jornalista 7 afirma que prefere as entrevistas ao vivo e aponta algumas desvantagens da entrevista a distância:

A desvantagem [da entrevista a distância] é que você não vê com quem está falando, não tem uma proximidade para criar um vínculo de confiança. Tem uma frieza, a pessoa pode se irritar mais facilmente, acabar desligando o telefone e não atender mais. (Jornalista 7, 2015)

Destaca que essa falta de proximidade pode provocar desentendimentos e revela que uma vez se identificou para um parlamentar e avisou que iria fazer uma entrevista por telefone, mas não deixou claro que estava gravando a conversa. “Para mim estava implícito que, se era para rádio, eu iria gravar”, conta. Depois o deputado perguntou se ela estava gravando e, com a resposta positiva, ficou enraivecido. “Se fosse pessoalmente seria óbvio que eu estaria gravando, porque eu estaria com o gravador. Entretanto, pelo telefone, ele não poderia saber.” Dessa maneira, a Jornalista 7 considera que a entrevista por telefone tem uma distância jornalisticamente ruim, que acarreta perdas de informação e dificulta o convencimento do entrevistado de falar em temas delicados.

## 5.5 Email

Os jornalistas 1 e 6 consideram o email um dos piores recursos para conduzir entrevistas porque “enrijece as perguntas”. O jornalista 1 conta que raramente estrutura todas as perguntas de uma entrevista. “Geralmente, eu vou com uma pergunta na cabeça e a partir da resposta do entrevistado é que vai vir uma pergunta nova.” Tal prerrogativa é eliminada no email, quando as perguntas

precisam ser mandadas prontas, ao invés de serem elaboradas a partir da conversa com o entrevistado.

O jornalista 1 acredita que o envio de perguntas acaba direcionando a apuração. “Você tem que deduzir o que você quer da sua matéria, o que, de certa, forma, manipula o texto. É algo que às vezes você não consegue quando está ao vivo, a pessoa te desarma num argumento e você vê outro lado, já pergunta outra coisa.” Ele avalia o recurso ao email de forma positiva para fazer entrevistas com pessoas em outros países, pois se sente mais à vontade escrevendo em inglês do que falando, e para conversar com pessoas em funções técnicas, como médicos, para ter maior precisão. “Em matérias de saúde, um erro pode causar um problema bem grave. Quando você faz a entrevista por email, você confia que o médico te mandou a informação correta.”

A jornalista 6 critica os questionários enviados e respondidos pelo correio eletrônico. Ela observa que as fontes que pedem para mandar email geralmente têm menos tempo disponível, as respostas são mais curtas e há maior dificuldade em tirar dúvidas em relação às respostas do entrevistado, pois seria necessário aguardar uma nova mensagem com a resposta.

O jornalista 1 considera o email útil para obter dados com instituições e conferir informações com os entrevistados. Ele opina que a maior vantagem de recursos como email, chat do Gmail (GTalk) e do Facebook (Messenger)<sup>10</sup> é gravar automaticamente a conversa de forma legível. “Se você está com pressa ou tem uma pergunta mais básica, são recursos maravilhosos. Você não precisa degravar ou temer que aquilo vai sumir.” Mas, no caso de entrevistar personagens para uma matéria, o recurso pode ser totalmente inadequado. “A pessoa não é especialista no assunto. Personagem é uma conversa, é um papo.”

A jornalista 2 conta que alguns entrevistados exigem o questionário por escrito, enviado por email, principalmente acadêmicos e assessorias de imprensa, para ter maior segurança. Uma das desvantagens do email, segundo essa jornalista, é não ter a garantia de que foi realmente o entrevistado que respondeu, ao invés de um assessor. No entanto, existem fontes que apenas falam pessoalmente para

---

<sup>10</sup> GTalk e Messenger são serviços de mensagens instantâneas.

sentir maior confiança. “Tem entrevistado que não dá entrevista por telefone ou por Skype, principalmente os que falam muito em off. Eles temem como aquilo vai ser usado.” A opinião, no entanto, é contrária à dos jornalistas 3 e 5, segundo os quais muitas fontes que falam em off preferem mecanismos eletrônicos de comunicação.

## 5.6 Resultados

A partir destas entrevistas em profundidade, que constituem na verdade o material empírico desta pesquisa, temos os seguintes resultados:

A - Os jornalistas percebem uma tendência a permanecer mais tempo dentro das redações e a utilizar intercâmbios eletrônicos de comunicação. As principais causas apontadas incluem a diminuição do quadro de funcionários das redações, as complicações do tráfego urbano (que exigem maior tempo nos deslocamentos) e o ritmo de produção em tempo real, que prioriza quantidade e não profundidade.

B - Os jornalistas também colocam diferentes pesos nas causas relacionadas às organizações e ao mercado jornalístico e às voltadas para decisões individuais. Quatro entrevistados consideram que existe um comportamento voltado para a “acomodação”, à limitação às facilidades tecnológicas; e outros dois rejeitaram a ideia de “jornalista preguiçoso” e focaram nos fatores externos à individualidade do profissional; para uma, a questão não se aplicou, por ter feito carreira em veículo institucional da Câmara dos Deputados e conviver menos com dilemas de entrevistar pessoalmente ou não — o trabalho é voltado para a cobertura cotidiana e praticamente só utiliza entrevista a distância quando não é possível encontrar os parlamentares em Brasília.

C - Os tipos de editoria, de veículo e de pauta influenciam a maneira de condução da entrevista. Matérias investigativas, com fontes temerosas, tendem a utilizar mais métodos indiretos de contato. Outras editorias, como a coluna gastronômica, necessitam do encontro presencial para produzir uma informação confiável e consistente. Em relação aos veículos, o impresso, o online e o rádio gozam de maior liberdade para fazer entrevistas a distância, enquanto a televisão é a que mais necessita do contato direto para obter imagens. Mas tal característica não significa

que o repórter televisivo vai ter uma relação estreita com o entrevistado. Esse veículo tem uma produção bastante coletiva e nem sempre é o repórter que conduz a entrevista.

D - A entrevista presencial, segundo a maioria dos entrevistados, é capaz de proporcionar informações mais detalhadas. As qualidades citadas pelos entrevistados incluem poder captar informações visuais, ter um *feedback* das reações do interlocutor, desenvolver com maior facilidade a confiança e a intimidade.

E - A entrevista por telefone garante agilidade para a apuração, mas perde a transmissão de informações visuais e outras vantagens do contato pessoal, mencionadas na seção anterior.

F – O email tem a vantagem de registrar com precisão as falas dos entrevistados, mas a comunicação deixa de ter características importantes do diálogo, como a possibilidade de fazer perguntas baseadas nas respostas do entrevistado e solucionar dúvidas no momento em que elas surgem.

## 6. Conclusões

A intenção inicial deste estudo era bastante pragmática: entender como a entrevista é utilizada nas rotinas produtivas e assim avaliar como esta técnica, vital para o jornalismo contemporâneo, pode ser melhor utilizada pelos profissionais. O questionamento surgiu da curiosidade em relação ao uso intensivo de mecanismos de comunicação remota (principalmente telefone e email), o que parecia, a princípio, reduzir o potencial da entrevista. Seria possível fazer diferente? Quais são os fatores que influenciam nas escolhas dos jornalistas sobre como realizar a entrevista?

Buscamos uma resposta e vimos que essas decisões dependem tanto da motivação e interesses pessoais do repórter quanto de características do mercado jornalístico e da rotina produtiva. Com esse duplo sentido, vimos que a entrevista se encaixa no referencial teórico do *newsmaking*, porque contribui para a produção da notícia, e da teoria do *gatekeeping*, pois constitui um dos filtros do jornalista para selecionar as informações.

Percebemos que as decisões individuais do jornalista permeiam não apenas a escolha dos assuntos que devem virar notícia (estudadas por David Manning White, 1950), mas também um momento posterior, o da entrevista. O profissional da imprensa atua como *gatekeeper* ao selecionar os entrevistados e a maneira de estabelecer contato com eles. Nesse quesito, contam a percepção do repórter acerca da importância de cada fonte ou personagem e a disposição de encontrar essas pessoas. Os entrevistados desta pesquisa fizeram referência a uma “acomodação” dos jornalistas às facilidades tecnológicas, que permitem apurar informações sem sair da redação.

Além das justificativas pessoais, os entrevistados explicaram que as escolhas dependem de características do processo de construção da notícia, estudados pelo *newsmaking*, com ênfase nas rotinas produtivas. Nesse paradigma, as notícias são resultado de um processo de percepção, seleção e transformação dos acontecimentos em notícias (Traquina, 2005). A socióloga Gaye Tuchman analisou que os jornais se organizam para por ordem no tempo e no espaço, em um ambiente em que os fatos podem ocorrer a qualquer hora, em qualquer lugar. Segundo Traquina (2005), os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo, ao executarem uma atividade prática e diária orientada para a hora de fechamento do

jornal. Por essa característica, Traquina (1999) considera que existe uma prioridade para acontecimentos ao invés de problemáticas, artigos reflexivos e aprofundados.

Tais características descritas pelos autores se confirmaram nas entrevistas com jornalistas. A necessidade de organizar o tempo foi citada por todos os entrevistados, principalmente para dar conta dos prazos de publicação ou veiculação das matérias. As principais causas apontadas para o preterimento da entrevista pessoal, que encontra o entrevistado cara a cara, foram: a redução do quadro de funcionários das redações, o que teria aumentado a quantidade de matérias que cada profissional deve executar; a complexidade do tráfego urbano, que determina o deslocamento; e a necessidade de divulgar notícias em prazos acelerados, principalmente influenciados pelo ritmo de atualizações em tempo real da internet.

O processo multimidiático e convergente, atualmente em curso das redações jornalísticas, pede a publicação em diferentes plataformas, em distintas temporalidades. O repórter não produz apenas matérias para o jornal impresso do dia seguinte, mas deve fornecer informações para a atualização em tempo real dos sites. Nesse contexto, nossos entrevistados registram uma ênfase na quantidade de matérias produzidas e não na qualidade, na profundidade do relato.

Cabe citar que a aceleração do ritmo de produção é um processo anterior ao advento da internet, conforme descrito por Adghirni e Pereira (2011, p.45), que se relaciona com “aceleração do tempo social e a adoção do formato de agências de notícias pelos jornais brasileiros”. Para diminuir o tempo de apuração das notícias, se intensificou a figura do jornalista sentado. Fábio Pereira (2003) analisou a rotina de um jornal on-line e verificou que o trabalho é realizado, na maior parte do tempo, dentro da redação. As notícias surgem principalmente da transposição de material de outros veículos e da apuração por mecanismos de comunicação a distância. Porém, no nosso estudo, vimos que a tendência a passar mais tempo dentro da redação não afeta apenas os jornalistas dos veículos on-line, mas também dos demais formatos midiáticos.

A ascensão de um comportamento burocrático nas organizações jornalísticas (Barcellos (2005), Bicudo (2005), Pereira (2003) em que os profissionais deixam de lado as notícias de bastidor e os contatos diretos com as fontes de informação para privilegiar informações que chegam mais rapidamente até eles, por meio das

conferências de imprensa, *press-releases*, material das agências de notícias e do uso de mecanismos eletrônicos de comunicação, como telefone e emails, tem consequências na qualidade do material noticioso.

Alguns autores consideram mesmo que a precariedade das matérias jornalísticas pode ser explicada, em grande parte dos casos, por deficiências na realização da entrevista (Bicudo, 2005). Os entrevistados do nosso estudo também estabeleceram relações entre a maneira de conduzir a entrevista e a qualidade das informações obtidas. Para os jornalistas consultados, a entrevista de contato pessoal é a que costuma fornecer mais e melhores dados sobre o entrevistado, ela tende a ser aprofundada, permite apreender informações visuais e do ambiente da fonte ou personagem. Eles também destacaram exemplos positivos do emprego de tecnologias, como o uso do telefone se uma fonte se recusa ou teme receber o jornalista pessoalmente, situação que ocorre em reportagens investigativas.

No entanto, o uso extensivo e impensado dos mecanismos tecnológicos, com objetivo de apenas concluir as matérias, traz o risco de reduzir o potencial informativo da entrevista. Para a jornalista 2, o uso negativo das tecnologias produz entrevistas “cada vez mais impessoais, pasteurizadas e distantes”. Baseando-nos no levantamento teórico e nos dados empíricos por meio do diálogo com jornalistas, vamos resumir as vantagens e desvantagens dos principais recursos utilizados na entrevista:

- a) O telefone – agilidade; espontaneidade; discrição — útil em reportagens investigativas, quando o entrevistado não quer ser visto com jornalistas; tendência a objetividade — ideal para obter respostas breves e específicas; não permite verificar reações físicas ou conhecer o ambiente do entrevistado; dá poder para o entrevistado terminar a conversa quando quiser; tem maiores chances de abordar a fonte em um momento inoportuno, o que diminui a atenção e o tempo dedicado a entrevista.
- b) O email – precisão; sem caráter de conversa, não espontâneo; menor interação e controle sobre as respostas do entrevistado; respostas tendem a ser mais curtas e planejadas; útil para obter dados e checar informações; registra automaticamente as informações fornecidas pelo entrevistado.

c) Novas tecnologias (chats de mídias sociais, serviços de mensagens instantâneas ou de conversas por vídeo) – agilidade; alguns chats funcionam como “emails melhorados”, que permitem receber e enviar repostas instantaneamente quando ambos os interlocutores estão conectados; a percepção do ambiente é limitada pelo ângulo da câmera do computador; não permite verificar as reações do entrevistado; no caso dos vídeos, eles permitem ter uma imagem do interlocutor, ainda que em baixa resolução nas condições tecnológicas atuais.

d) A entrevista pessoal – verifica características visuais, auditivas, comportamentais do entrevistado; permite conhecer o ambiente em que o entrevistado se situa; tende a ter maior profundidade, ser mais longa; facilita desenvolvimento de confiança e proximidade; contribui para desenvolvimento e reconhecimento profissional.

Além das características de cada recurso e do tempo disponível, o jornalista analisa outros aspectos para decidir como realizar a entrevista: o tipo de pauta, de entrevistado e o formato do veículo também são determinantes. Há assuntos em que pode ser mais rápido e adequado ir pessoalmente aos lugares dos acontecimentos, em especial quando vários possíveis entrevistados estão no mesmo local. Uma das entrevistadas cita a situação de uma greve no sistema de transporte público, em que seria mais ágil ir às paradas de ônibus para verificar se estão cheias e conversar com as pessoas. Eventos rotineiros, como a cobertura das decisões no Congresso Nacional, também costumam ter presença do repórter.

Outro aspecto que o jornalista precisa levar em consideração é a relevância do entrevistado para a matéria e as preferências dele sobre a maneira de ser entrevistado: há fontes que só falam pessoalmente, outras que exigem mandar email.

O formato do veículo também influencia esse contato. O impresso, o on-line e o rádio têm mais liberdade para realizar entrevistas a distância do que a televisão, que precisa de informações audiovisuais. Ainda não há recursos tecnológicos que permitam realizar e transmitir entrevistas por vídeo em alta qualidade. Entretanto, mesmo com a maior necessidade de contato direto com o entrevistado, seria necessário aprofundar os estudos para avaliar se aspectos específicos da rotina da reportagem televisa permitem maior ou menor proximidade. O uso de fotografias em outros formatos também é considerado um incentivo para o jornalista ir até o

entrevistado, mas não determinante, pois o fotógrafo pode realizar o trabalho dele antes ou após a entrevista feita pelo repórter.

O tipo de entrevista também é uma informação relevante. Para Lage (2001), o telefone é um bom recurso para entrevistas temáticas (que abordam um tema específico, expondo versões e interpretações dos acontecimentos) e rituais (em que o mais importante é a figura do entrevistado do que o que ele diz, como declarações dos jogadores de futebol após um jogo) menos para testemunhais (relato sobre algo que a pessoa presenciou ou participou) e totalmente inadequado para entrevistas dialogais ou em profundidade. Esses dois últimos tipos devem ser conduzidos pessoalmente, por buscarem um aprofundamento da conversa.

No caso da entrevista dialogal, ela é marcada com antecedência e permite o aprofundamento e o detalhamento dos assuntos abordados, situação em que entrevistador e entrevistado constroem o tom da conversa. Na em profundidade, com fins jornalísticos, o foco está na personalidade do entrevistado, que oferece seus depoimentos e impressões para abordar, também de forma detalhada, aspectos de sua vida pessoal e compreensão do mundo.

A partir do corpus empírico deste trabalho, podemos concluir que a entrevista pessoal concentra maiores vantagens em relação à aplicabilidade às rotinas jornalísticas. Além de um recurso clássico e histórico no jornalismo, ela simplifica o processo de checagem das informações por ser um contato direto com o entrevistado; de outra parte, como supõe um elo de confiabilidade entre o jornalista e a fonte, é passível de erros e muitas vezes pode levar a conclusões apressadas ou a falsas imagens. É justamente por causa da proximidade e do fato de confrontar as verdades do entrevistado que ela é considerada unanimemente, nesta amostra, como a mais adequada ao trabalho de apuração de dados jornalísticos.

Por fim, a observação e o contato direto são importantes para a humanização do jornalismo (Pereira Junior, 2006), a real aproximação com os personagens, sem estereotipar ou reduzir drasticamente os significados possíveis da realidade. A popularização de meios indiretos de obter informação — como o telefone e a internet — pode aumentar o grau de afastamento entre entrevistadores e entrevistados. Quando os contatos diretos se tornam difíceis, o jornalista enfrenta o dilema de se submeter a intermediações fora de sua alçada. Nesse contexto, existe um risco de

desumanização dos conteúdos jornalísticos, ou seja, de superficialidade, falta de contextualização, de protagonismo dos dados em detrimento do humano.

Este estudo é um esforço para contribuir para superar essa dificuldade. Acreditamos que, ao observar os elementos que participam da realização da entrevista (como o deadline, o tempo de deslocamento, as características de 66 recursos tecnológicos de comunicação, o tipo de entrevistado, de entrevista e de temática da matéria), é possível entender os benefícios e as limitações dos mecanismos eletrônicos de comunicação e empregá-los de forma a conseguir o melhor contato possível com o entrevistado, dentro do objetivo da reportagem e o contexto em que ela é produzida. Assim, a entrevista terá melhores condições de cumprir o propósito de ser um braço efetivo da comunicação humana (Medina, 2000), um diálogo que possibilite pensar e compreender a sociedade, e não apenas uma forma de cumprir pautas.

## 7. Referências

- ADGHIRNI, Zélia; JORGE, Thaïs; PEREIRA, Fábio. Jornalismo na Internet: desafios e perspectivas no trinômio formação/universidade/mercado. *In: Jornalismo online: modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009.
- ADGHIRNI, Zélia; PEREIRA, Fábio. **O jornalismo em tempo de mudanças estruturais**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, janeiro/junho 2011.
- ALTMAN, Fábio (org.); LOREDANO, Cássio (ilustrações). **A arte da entrevista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- ARFUCH, Leonor. **La entrevista, una invención dialógica**. Barcelona: Paidós, 1955.
- BARBOSA, Gustavo Guimarães; RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2001.
- BOND, Fraser F. **Introdução ao jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- BRADY, John. **The craft of Interviewing**. Cincinnati: Writer's Digest Books, 1976.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- GARRETT, Annette. **A entrevista, seus princípios e métodos**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- HALPERÍN, Jorge. **La entrevista periodística**. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- JORGE, Thaïs de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

KWIATKOSKI, Luciana Carla. **A produção jornalística e as mídias sociais: a utilização do Facebook e do Twitter na construção da notícia.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre. Brasília: UnB, 2014.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

LISPECTOR, Clarice; WILLIAMS, Claire (Org.). **Entrevistas.** Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MORIN, Edgar. **A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão.** 1966. In: Linguagem da cultura de massas. Petrópolis: Vozes, 1973.

MUNIZ, Mariana Soares. **Conte-me a sua história: relações entre jornalista e fonte por intermédio das redes sociais.** Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2013.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem.** São Paulo: Contexto, 2009.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Fábio. **O jornalista on-line: um novo status profissional?** Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa.** Petrópolis: Vozes, 2006.

SHERWOOD, Hugh C. **A entrevista jornalística.** São Paulo: Editora Mosaico, 1981.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo.** 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias.** 2. ed. Lisboa: Vega Editora, 1999.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

### Na internet

BICUDO, Francisco. **A entrevista-testemunho**: quando o diálogo é possível. Observatório da imprensa, edição 333, 2005. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a\\_entrevistatestemunho\\_quando\\_o\\_dialogo\\_e\\_possivel](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_entrevistatestemunho_quando_o_dialogo_e_possivel)>. Acesso em junho de 2015.

COHEN, Patricia. **The Murder of Helen Jewett**. 1998. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/books/first/c/cohen-jewett.html>>. Acesso em junho de 2015.

TWAIN, Mark. **Concerning the interview**. Mark Twain Foundation: 2010. Escrito em 1889-1890. Disponível em:<<http://www.pbs.org/newshour/rundown/exclusive-unpublished-mark-twain-essay-concerning-the-interview/>> Acesso em junho de 2015.

TWAIN, Mark. **Sobre a entrevista**. Mark Twain Foundation, 2010. Escrito em 1889-1890. Tradução de Claudio A. Marcondes. Folha de São Paulo. Ilustríssima. São Paulo, 18 de julho de 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il1807201006.htm>> Acesso em junho de 2015.

### Entrevistas

**Jornalista 1**, 30 anos - Correio Braziliense, Brasília, 12 de maio de 2015.

**Jornalista 2**, 45 anos – Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Brasília, 25 de maio de 2015.

**Jornalista 3**, 53 anos – atualmente sem vínculo empregatício, último cargo como jornalista no jornal O Globo, Brasília, 28 de maio de 2015.

**Jornalista 4**, 61 anos – portal Brasil Notícia, Brasília, 28 de maio de 2015.

**Jornalista 5**, 32 anos – O Globo, Brasília, 29 de maio de 2015.

**Jornalista 6**, 23 anos – Jornal de Brasília, Brasília, 3 de junho de 2015.

**Jornalista 7**, 32 anos – Rádio e TV Câmara, 5 de junho de 2015.